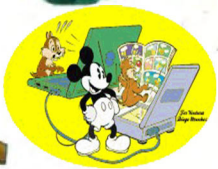
MANUAIS DISNEY

NOVA CULTURAL

Manual dos JOGOS OLÍMPICOS

A GIBITECA



MANUAIS Disney

Manual dos JOGOS OLÍMPICOS

MANUAIS Disney

Manual dos JOGOS OLÍMPICOS

NOVA CULTURAL

Publicado pela Editora Nova Cultural Ltda.
Av. Brig. Faria Lima, 2000, Torre Norte, 3.º,
CEP 01452, São Paulo — SP
© Copyright 1988, The Walt Disney Company
Todos os direitos reservados

WWW.AGIBITECA.COM.BR

Os doze trabalhos de Hércules

Depois de realizar façanhas incríveis, ele recebeu de Zeus o dom da imortalidade.

As Olimpíadas começaram há muito, muito tempo atrás. Sabe quando? Bem antes de Cristo. Tão antes que há sérias dúvidas sobre a data exata de seu início.

Por causa dessas dúvidas, surgiram algumas lendas. A mais famosa tem Hércules como personagem principal. Você já ouviu falar dele? Pois Hércules foi um dos heróis da mitologia grega, cujo deus supremo, Zeus, era justamente seu pai.

Sendo seu filho, ele nasceu com muita força e muitos poderes. Para mostrar que não viera ao mundo para brincadeiras, ainda no berço, em vez de ficar mamando

como todo bebê, sabe o que ele fez? Estrangulou duas serpentes que sua tia Hera, uma mulher muito ciumenta e perversa, colocara no berço para matá-lo.

Se era assim pequenino, imagine depois, quando cresceu. Mas a culpada de tudo deve ter sido a Hera, que não sossegou enquanto não o apanhou de jeito. Um dia, usando de seus feitiços mágicos, conseguiu enlouquecer o sobrinho que, fora de si, matou a própria mulher e também os filhos.

Passado o encanto, Hércules viu o que fizera e ficou desesperado. Decidiu então procurar o rei Euristeu.

— O que devo fazer para pagar pelos meus pecados? — perguntou-lhe Hércules. O rei Euristeu era sábio. Já naquele tempo ele sabia que o esporte é o melhor remédio para os males do espírito. E deu a solução:

— Hércules, só há um caminho.

— Deixar o Olimpo para sempre... — conformou-se Hércules.

O Olimpo, montanha inacessível, era o lugar onde viviam os deuses gregos. Abaixo do Olimpo, ficava Olímpia, na antiga Élida, à margem direita do rio Alfeu.

— Não — tranqüilizou-o o rei. — Para purificar seus pecados, você terá que executar doze trabalhos.

Hércules logo concordou. Mas nem de longe poderia imaginar o que o esperava.

Os doze trabalhos eram mesmo só para um Hércules agüentar. Veja só:

1. Matar o terrível leão de Neméia (Esse ele matou logo e de sua pele fez um belo manto com o qual passou a se vestir. Mas a dureza mal começara).

2. Matar a não menos

terrível hidra de Lerna, de nove cabeças.

3. Capturar, vivinho, o javali de Erimanto.

4. Capturar, também viva, a espertíssima corça de Cerínia. Ela era um verdadeiro tesouro: tinha chifres de ouro e pés de bronze.

5. Matar os medonhos pássaros carnívoros do lago Estínfale.

6. Limpar as cavalariças gigantescas do rei Áugias, da Élida. Foi dose cavalar: estavam tão mal-cheirosas que, para fazer uma limpeza completa, Hércules precisou desviar o curso dos rios Alfeu e Peneu.

7. Capturar o touro branco de Creta. Animal incontrolável, ele vinha devastando as colheitas de toda a área. A essa altura, por sinal, Hércules já devia estar meio cansado. Não era para menos. Mas os seus trabalhos ainda não haviam terminado.

8. Capturar os cavalos carnívoros de Diomedes, rei da Trácia.

9. Roubar o cinto mágico de Hipólita, rainha

das Amazonas. Como todos sabem, as Amazonas cavalgam muito bem. Para alcançá-las Hércules deve ter batido o primeiro recorde da história das corridas de cavalo.

10. Capturar os bois do gigante Gerião. Com a prática que adquirira em caçar cavalos carnívoros, touros brancos e corças de chifres de ouro, até que Hércules se desincumbiu dessa tarefa com relativa facilidade.

11. Colher os pomos de ouro das Hespérides. Eram frutos mágicos de valor incalculável. Diziam que não tinham um gosto tão bom assim, mas quem os provava tornava-se imortal.

12. Finalmente — ufa! —, o pior de tudo: descer ao Inferno e raptar de lá seu guardião, o assustador cão Cérbero.

E não é que Hércules fez tudo o que o rei man-

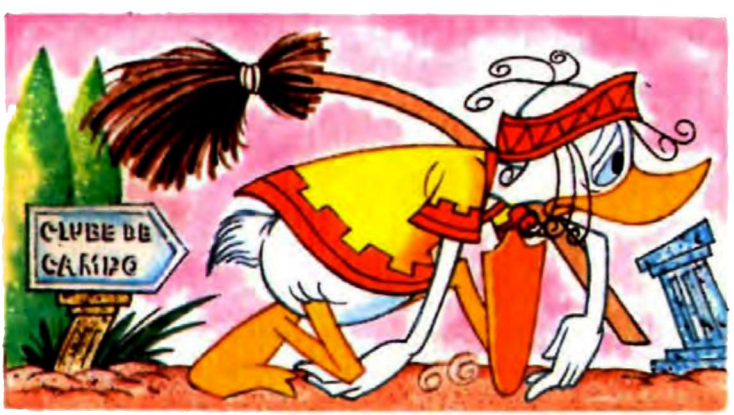
dara? Como recompensa, teve seus pecados perdoados e Zeus o chamou de volta ao Olimpo, concedendo ao superfilho o dom da imortalidade.

Cumpridos os desafios, Hércules tratou de descansar — pois mesmo os deuses e heróis da mitologia não são de ferro. Apesar disso, ele não estava satisfeito com as recompensas que recebera. E resolveu criar os Jogos Olímpicos para homenagear Zeus e a si mesmo.

A partir daí, diz a lenda, os gregos antigos começaram a disputá-los de quatro em quatro anos, em honra não só de

Zeus e de Hércules mas de todos os deuses do Olimpo.

Só que — como vocês já devem ter calculado — nunca mais apareceu no mundo um atleta como Hércules.

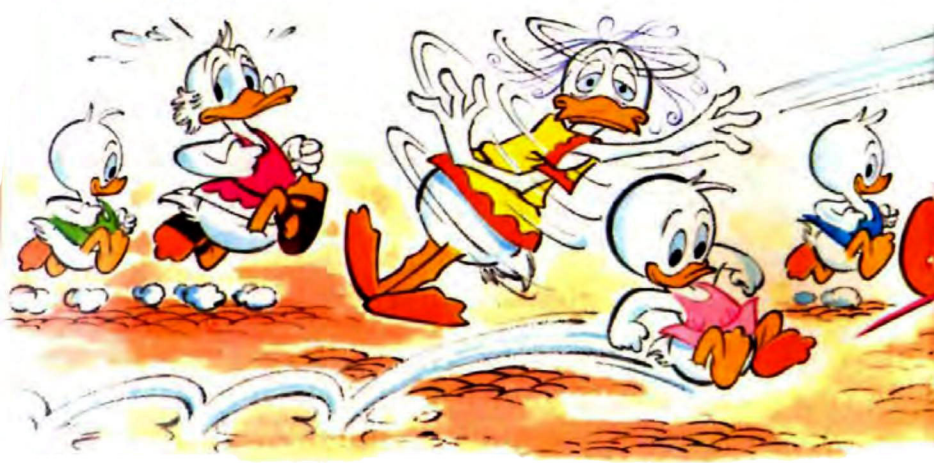


No tempo dos deuses

Para que a Élida não fosse
destruída pela peste,
os Jogos Olímpicos tiveram de voltar.

A história de Hércules e de suas proezas pertence à mitologia. A verdadeira História das Olimpíadas é muito mais recente: tem *apenas* uns 2 500 anos!

E está envolta na aura de lenda que sempre cerca os grandes acontecimentos esportivos ou as façanhas de seus heróis. Segundo se conta, durante muito tempo os Jogos Olímpicos deixaram de ser disputados. Vai ver que os gregos ficaram decepcionados só porque ninguém era capaz de ter, nos velhos estádios,



um desempenho comparável ao de Hércules nos seus doze trabalhos.

Mas, no ano 884 a.C. (a.C. quer dizer "antes de Cristo", pois nosso calendário começou a ser contado após seu nascimento), algo de muito grave ocorreu na região grega da Élida. Uma peste assolava toda a área. Desesperado com o que estava acontecendo, o rei Ífito foi consultar a sacerdotisa Pítia. É aí que a lenda novamente se confunde com a nossa história.

— Os deuses só farão cessar a peste — anunciou a Pítia, muito segura de si — se voltarem os Jogos Olímpicos.

Então, os jogos voltaram e aí passaram a ser

realizados regularmente, como agora, de quatro em quatro anos. Oficialmente, porém, eles se contam a partir de 776 a.C., quando se iniciou o registro dos nomes dos campeões.

E como eram as Olimpíadas naqueles tempos? Muito diferentes das atuais. Duravam cinco dias e havia provas para adultos e para efebos — o nome grego para adolescentes. Veja só como era a programação:

Primeiro dia — Sacrifícios e cerimônias de abertura.

Segundo dia — Provas especiais para efebos: "dromos" (uma corrida em volta do estádio), lutas e pentatlo (uma corrida, lançamentos de disco e dardo, salto em distância e luta).

Terceiro dia — Provas para adultos: "dromos", "diaulo" (semelhante ao "dromos", mas consis-

tindo de duas voltas em torno do estádio) e lutas.

Quarto dia — Provas eqüestres, pentatlo e corridas com armas.

Quinto dia — Cerimônias de encerramento, proclamação dos heróis e novos sacrifícios.

As Olimpíadas mudaram bastante, não? É bem verdade, entretanto, que algumas coisas ficaram. Por exemplo: os campeões de cada modalidade já recebiam troféus de valor simbólico. Só que, no lugar das medalhas de hoje, ganhavam uma coroa feita de ramos de oliveira. Depois, participavam de grandes festanças, com banquetes, vinhos e presentes. Transformavam-se em autênticos heróis e eram conduzidos às suas cidades em carros puxados por quatro imponentes cavalos.

Quase sempre, os campeões tinham regalias pelo resto de suas vidas. É que os gregos acreditavam que deviam a eles a extinção da peste terrível, pois seus feitos acalmavam a ira dos deuses do Olimpo.

Viu como a lenda, outra vez, se confunde com a História?

Os jogos acabam...

As coisas boas um dia se acabam. Chato, não é? Com as Olimpíadas da Grécia Antiga também foi assim. Lá pelo século II a.C. a Grécia foi anexada pela província da Macedônia e, aos poucos, seus usos e costumes entraram em decadência. Entre eles, claro, estavam os já famosos Jogos Olímpicos.

Naquela altura, os romanos, com um império muito grande e poderoso, já dominavam o mundo. Quando eles começaram a incorporar à sua cultura as tradições que os gregos vinham perdendo, os jogos mudaram de cenário.

Mas, infelizmente, não duraram. Sabe por quê? É que os dois povos tinham duas idéias bem diferentes a respeito do esporte. Para os gregos, era participação — isto é, qualquer pessoa com saúde e disposição poderia correr ou arremessar discos, mesmo que não

fosse uma campeã. Para os romanos, entretanto, o mais importante era o espetáculo em si — quer dizer, o esporte valia mais como uma festa para se assistir.

Foi desse conceito que nasceu o circo romano. Uma espécie de estádio fechado (as ruínas de muitos deles existem até hoje), no circo eram realizadas lutas de gladiadores ou o sacrifício de cristãos e escravos, entregues ao apetite dos leões. Apesar de toda a crueldade, o povo se divertia muito com isso.

E os Jogos Olímpicos foram então, lentamente, sendo esquecidos — até porque, em Roma, eles não tinham qualquer seriedade. Os próprios imperadores, de vez em quando, tomavam parte

em algumas provas para satisfazer sua vaidade. E ganhavam de qualquer jeito. Foi o que aconteceu com Nero.

Você já deve ter ouvido falar de Nero, não é mesmo? Nero era um imperador que ficou louco e um dia decidiu tocar fogo em Roma só para ver o incêndio do alto de uma torre. Antes de fazer isso, ele decidiu entrar nos Jogos Olímpicos. Competiu numa corrida de carros puxados por dez cavalos. Meio desastrado, levou um tombo no meio do percurso e não conseguiu terminar a prova. Mas, como era o único competidor, foi logo proclamado campeão.

Desse jeito, os jogos não poderiam mesmo durar. E, lá pelo ano de 390 de nossa era, foram extintos por causa da conversão ao cristianismo do imperador Teodósio I, que resolveu acabar com todas as festas de origem pagã, entre elas as Olimpíadas.

Não se ouviu mais falar de Jogos Olímpicos por séculos e séculos. Mas, da mesma forma que as coisas boas acabam, as coisas ruins não duram para sempre. Por isso, um dia as Olimpíadas teriam que voltar.

... E voltam!

E um dia, no fim do século passado, as Olimpíadas voltaram. Demorou muito: quase 1 500 anos! Mas valeu a pena, porque elas nunca mais deixaram de ser realizadas e se tornaram cada vez mais importantes.

Quem teve a boa idéia de ressuscitá-las foi o barão de Coubertin. O barão, que era um nobre francês dedicado à educação de jovens, achava que os rapazes de seu tempo precisavam de uma distração mais séria do que andar a cavalo nas horas de folga.

Naquela época, poucas pessoas praticavam esporte. Aliás, isso era até meio difícil, porque não existiam muitos tipos de jogos atléticos.

Isso teria que acabar, pois muitos educadores, como o barão, já estavam percebendo que não existe nada melhor do que o esporte para distrair a juventude. Assim, em 1892, quando ele sugeriu a volta dos Jogos Olímpicos, não faltou quem se entusiasmasse. Dois anos depois, durante um congresso promovido pela Sorbonne — a famosa universidade francesa —, ficou decidido que as Olimpíadas renasceriam em 1896.

Onde? Ora, em seu berço de origem: em Atenas, capital da Grécia.

O herói da Maratona

A maratona é a mais longa, mais difícil e mais emocionante corrida que existe. Não dá para qualquer um participar da prova, não. O atleta precisa ter a resistência de um leão e o fôlego de sete gatos para conseguir chegar até o fim.

Seu percurso — normalmente por ruas e estradas — equivale a uma distância de 42 quilômetros, que hoje são cobertos em mais ou menos 2 horas e 10 minutos. E isso correndo sem parar.

Você sabe como tudo começou? Faz muito, muito tempo. No ano de 490 a.C. soldados gregos e persas travaram uma batalha, que se desenrolou entre a cidade de Maratona e o mar Egeu.

Para os gregos, a luta estava difícil. Comandados por Dario, os persas avançavam seu exército em direção a Maratona, que pretendiam conquistar. Foi então que Milcíades, o comandante grego, resolveu pedir reforço de tropas. E incumbiu dessa missão um de seus valentes soldados — o Fidípides.

Fidípides, que era um ótimo corredor, levou o apelo de Milcíades de cidade em cidade até chegar a Atenas. Ele voltou com 10 mil soldados e os gregos venceram a bata-

lha, matando em combate 6 400 persas.

Mas a missão de Fidípides ainda não terminara. Entusiasmado com sua proeza, Milcíades ordenou que ele fosse correndo outra vez até Atenas para informar aos gregos que a batalha estava ganha.

E lá se foi Fidípides, correndo sem parar. Quando chegou ao seu destino, só pôde dizer uma palavra:

— Vencemos!

E caiu morto.

Muito mais tarde — em 1896, durante os I Jogos Olímpicos da era moderna —, Fidípides seria homenageado com a criação da prova. No começo, o trajeto da corrida tinha os mesmos 40 quilômetros que separavam a cidade de Maratona de Atenas. Depois, houve algumas alterações e, a partir de 1924, foi fixado como percurso oficial a distância de 42,195 quilômetros.

O nosso barão

Sempre que você for ler, ouvir e ver alguma coisa relacionada com as Olimpíadas irá cruzar com um nome inevitável: o barão. Mas afinal, quem foi o barão?

O barão — barão de Coubertin —, na verdade chamava-se Pierre de Fredy e nasceu em Paris no dia 1.º de janeiro de 1863. Ele tornou-se famoso e importante na história do esporte por ter criado os Jogos Olímpicos da era moderna.

Engraçado é que o barão jamais praticou esportes. Na juventude, preferiu dedicar-se à educação dos jovens. Devido a esse interesse, ele tomou conhecimento das idéias do educador inglês Thomas Arnold. Para Arnold, o esporte era a melhor forma de levar os jovens a gastarem suas energias de modo mais saudável.

A partir daí, o barão começou a alimentar um sonho: promover uma grande festa internacional do esporte.

— Quero uma festa que faça inveja aos deuses do Olimpo — imaginava o nosso barão.

O resultado foram os Jogos Olímpicos, que renasceram em Atenas, em 1896.

Pierre de Fredy, o barão de Coubertin, morreu no dia 2 de setembro de 1937, em Genebra, na Suíça. Seu corpo, lacrado numa urna de bronze, está agora sepultado em Olímpia, junto ao templo erguido para os deuses gregos.

Atenas, 1896
I Jogos Olímpicos

Umas 80 mil pessoas lotavam o Estádio de Atenas naquela tarde de 6 de abril de 1896. Eram pessoas muito diferentes das que você vê hoje nas arquibancadas de um campo de futebol: mulheres de vestidos compridos e grandes chapéus, homens de gravata e alguns senhores de cartola. A data entraria para a história do esporte, porque naquele momento renasciam oficialmente os Jogos Olímpicos.

No gramado, estavam presentes 285 atletas de 13 países. Muito pouco, em comparação com os milhares de participantes das últimas Olimpíadas. Mas você deve lembrar que, em 1896, um navio a vapor levava dias e dias para ir da América à Europa, atravessando o oceano Atlântico.

Além do mais, essas eram apenas as primeiras Olimpíadas modernas. Por isso mesmo, nem todos os atletas estavam bem preparados e os resultados que obtiveram foram até engraçados se a gente observar as marcas que são alcançadas hoje em dia. Na corrida de 100 metros, por exemplo, o campeão Thomas Burke, dos Estados Unidos, alcançou o tempo de 12 segundos — atualmente, muitos corredores fazem essa prova em menos de 10 segundos.

Mas ninguém ligou. O importante é que as Olimpíadas haviam voltado. Para ficar.

Até as ovelhas aplaudiram

Spiridon Loues era um pastor grego de ovelhas. Passava com elas os dias e as noites, ao som de seus suaves balidos.

Mas ele tinha um objetivo na vida: ainda seria um herói como Fidípides, o grande soldado grego que correra de Maratona a Atenas para anunciar a derrota dos invasores persas.

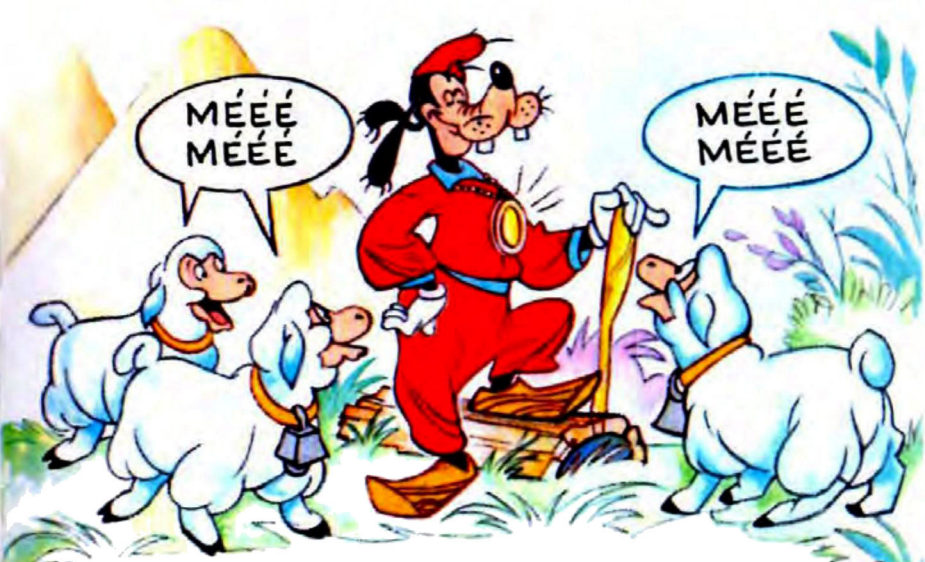
Spiridon conhecia bem a história de Fidípides e também as façanhas de todos aqueles campeões das Olimpíadas da Grécia Antiga. E vivia pensando nisso enquanto conduzia suas ovelhas entre as colinas de Marousi, onde vivia.

— Por que também eu não posso ser um herói? — perguntava Spiridon às ovelhas.

As ovelhas não respondiam e continuavam a pastar, pois elas não entendem de heróis ou de campeões. Mas gostavam de Spiridon, seu solitário e sonhador amigo de todas as horas.

— Pois fiquem sabendo que vou ser um herói — dizia-lhes baixinho.

Um dia, em 1896 — portanto, 2386 anos depois dos feitos de seu ídolo Fidípides —, Spiridon deixou suas ovelhas com outro pastor e viajou para Atenas, onde seriam realizados os Jogos Olímpicos. Inscreveu-se logo na prova mais difícil: a maratona, que teria 40 quilômetros.



Antes de correr, Spiridon ajoelhou-se e rezou para os antigos deuses gregos, nos quais acreditava, pedindo que não deixassem de protegê-lo. Ficou tanto tempo ajoelhado que um outro corredor foi lhe perguntar se, daquele jeito, não se cansaria antes da hora. O pastor sorriu:

— Cansei meu corpo para poder fortalecer minha alma — disse-lhe Spiridon.

E saiu correndo. Feito um louco? Como um pastor? Não, igual a um campeão. Chegou na frente de todos, depois de um percurso que durou quase 3 horas (mais precisamente: 2h58m50s, tempo que só seria melhorado doze anos depois).

Então, como sonhava, Spiridon Loues transformou-se num herói. Por isso, ofereceram-lhe muitos prêmios, além da medalha de ouro. Poderia almoçar e jantar de graça num dos melhores restaurantes de Atenas sem pagar nada pelo resto da vida. Um alfaiate se dispôs a confeccionar todas as suas roupas, sem cobrar nada. E, ainda de graça, um barbeiro cortaria sua barba e seus cabelos sempre que ele quisesse.

Mas Spiridon, o pastor que afinal igualaria o feito do grande Fidípi-

des, não aceitou nada disso. Recebeu a medalha das mãos de George I, o rei da Grécia, pendurou-a no peito suado, acenou para a multidão que o aclamava e foi-se embora para suas colinas. Quando finalmente chegou, anunciou orgulhoso para as ovelhinhas:

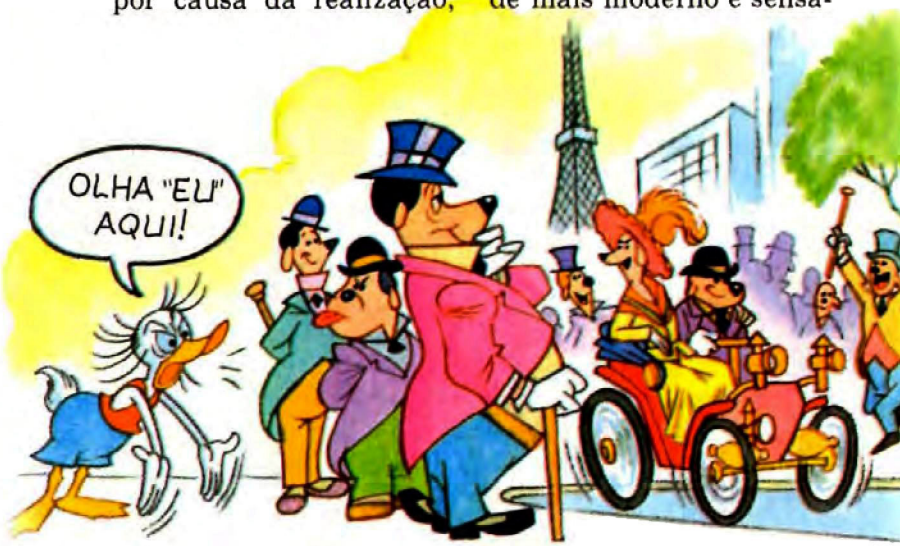
— Viram? Eu agora também sou um herói.

Dizem que, nesse dia, elas compreenderam. E nunca se ouviram tantos "méééés" tão cheios de alegria.

Paris, 1900
II Jogos Olímpicos

Paris já era uma cidade importante, cheia de vida e de agitação, mas em 1900 tornou-se ainda mais alegre e movimentada. Só que isso não aconteceu exatamente por causa da realização, na capital francesa, dos II Jogos Olímpicos.

É que, junto com as Olimpíadas, estava sendo promovida em Paris a Exposição Universal — mostrando o que havia de mais moderno e sensa-



cional na época, como os primeiros automóveis de quatro rodas.

Desse jeito, os Jogos Olímpicos acabaram ficando em segundo plano e pouca gente foi ver as provas de atletismo, disputadas no Racing Club, ou as de natação, improvisadas numa piscina adaptada nas águas do Sena (O Sena é um rio muito famoso, que atravessa a cidade de Paris). Apesar do pequeno interesse despertado, essas Olimpíadas conseguiram reunir 1060 atletas.

Mesmo assim, não apareceu nenhum grande campeão entre eles e as marcas alcançadas não chegaram a entusiasmar ninguém. Exceto, é claro, o barão de Coubertin. Ele sabia que, mais cedo ou mais tarde, as Olimpíadas ainda iriam entusiasmar o mundo todo.

O lema dos atletas

Você sabe o que quer dizer isso? Essa frase, de autoria de um monge francês chamado Didon, que viveu no século passado, acabou se transformando no lema dos atletas que participam dos Jogos Olímpicos.

Traduzido do latim (a língua da qual se origina o português que todos nós falamos), ela tem o seguinte significado: "Mais rápido, mais alto, mais forte".

Em qualquer competição esportiva — não só nas Olimpíadas — todos os atletas procuram correr mais rápido, saltar mais alto e ser mais forte do que seus adversários.

De certa forma, é quase o oposto do que o barão de Coubertin pregava: "O importante não é vencer, mas competir".

Medalhas e prêmios

Na Grécia Antiga, os vencedores dos Jogos Olímpicos recebiam coroas de folhas de oliveira. Atualmente, aos três primeiros colocados de cada prova são distribuídas medalhas.

O ganhador recebe uma medalha de ouro; o segundo colocado, uma medalha de prata; o terceiro, uma medalha de bronze. Além disso, os classificados do primeiro ao sexto lugar são contemplados com um certificado.

Agora, uma revelação: as medalhas dos campeões não são exatamente de ouro. Elas devem ter 60 milímetros de diâmetro (bem maiores, portanto, do que uma moeda), 3 milímetros de espessura e pelo menos 92,5% de prata, além de 6 gramas de ouro fino.

Normalmente, as medalhas são entregues após cada prova, quando então é executada uma versão resumida do hino do país a que pertence o atleta vencedor.

Mais tarde, os nomes de todos os campeões são gravados em uma das paredes do estádio.

St. Louis, 1904
III Jogos Olímpicos

Ainda não foi em 1904, na cidade norte-americana de St. Louis, que as Olimpíadas se transformaram num estrondoso êxito mundial. Dessa vez, somente nove países compareceram.

Como ocorrera em Paris, os organizadores fizeram as III Olimpíadas coincidirem com a Feira Mundial de St. Louis. E, mais uma vez, não deu certo: os visitantes preferiam conhecer os novos artigos em exposição a torcer nas provas de atletismo.

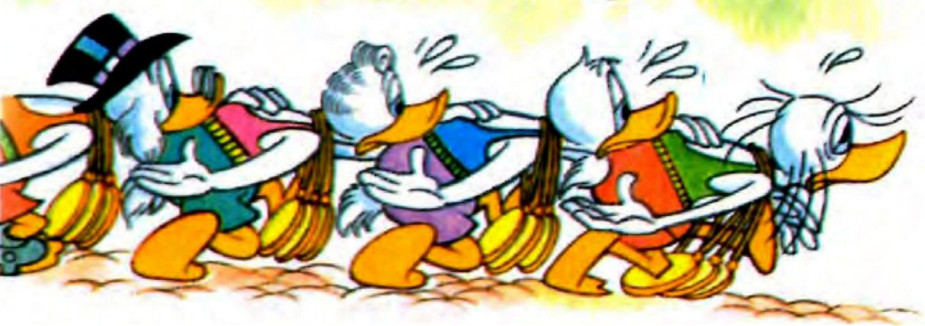
Mesmo assim, as Olimpíadas de St. Louis se tornariam famosas por causa de um incidente muito engraçado que aconteceu na maratona.

A maratona exige que seus participantes sejam superatletas. Afinal, eles têm que correr num percurso de nada menos de 42 quilômetros!

Pois lá em St. Louis, um dos corredores, o americano Fred Lorz, perdeu o fôlego no meio da competição e pediu que um motorista lhe desse uma carona até o estádio em seu calhambeque (em 1904, só existiam calhambeques).

Pouco antes de chegar, ele desceu do carro e entrou correndo no estádio. Foi aplaudidíssimo e ia receber sua medalha de campeão, quando apareceu o motorista e contou aos juízes que era tudo uma brincadeira.

Os tríplices campeões



Para os americanos, ganhar muitas medalhas nas Olimpíadas de 1904 era, no mínimo, uma questão de honra. Afinal, as provas seriam realizadas pela primeira vez em seu país, na cidade de St. Louis.

Não deu outra. Quase todos os recordes caíram e as competições mais importantes foram realmente vencidas pelos atletas americanos.

Entre eles, o mais badalado foi um jovem chamado Archie Hahn. E com razão. Archie teve uma atuação destacadíssima, revelando-se o primeiro grande *sprinter* do século, com suas vitórias nas corridas de 60, 100 e também de 200 metros rasos.

Sprinter? Bem, *sprinter* — é uma palavra inglesa, muito usada em atletismo — quer dizer corredor especializado em provas de curta distância, nas quais não se exige fôlego ou resistência, mas principalmente extrema velocidade.

Além de Archie, outros americanos ganhariam três medalhas cada um e, por isso, todos ficariam conhecidos como os "tríplices campeões": Ray Ewry, James Lightbody e Harry Hillman.

Os "tríplices campeões" — sobretudo Archie — foram os grandes campeões de St. Louis.

Delegações em marcha

Um desfile, com a participação de todos os países inscritos, costuma abrir oficialmente os Jogos Olímpicos. No início, a festa era assistida apenas pelos que conseguiam um lugar no estádio. Hoje em dia, contudo, o espetáculo pode ser presenciado pelo mundo inteiro, através de transmissões diretas pela televisão.

De acordo com as regras do Comitê Olímpico Internacional, cada delegação é obrigada a participar do desfile de abertura e, na cerimônia de encerramento, deve estar presente com pelo menos um representante.

Por causa da tradição, a primeira delegação a desfilar é, evidentemente, a da Grécia. Segue-se então a do país-sede e as demais por ordem alfabética. O Brasil, portanto, aparece logo no começo da festa.

Londres, 1908
IV Jogos Olímpicos

Dizem que nunca choveu tanto em Londres como naquelas duas semanas de verão em 1908. Para azar dos ingleses, as chuvas coincidiram com os IV Jogos Olímpicos. Por isso, eles acabaram sendo conhecidos como os "Jogos do dilúvio".

Só que o dilúvio maior foi de protestos dos países participantes, que

não gostaram de muitos resultados.

— Estão nos roubando! — diziam várias delegações estrangeiras.

Na verdade, não houve propriamente roubo. O que aconteceu foi que os ingleses resolveram adotar, para cada esporte, as suas próprias regras, que nem sempre eram aceitas pelos outros países participantes.

O resultado disso tudo é que talvez nunca, na história das Olimpíadas, tenha havido um número tão grande de queixas e reclamações. E no fim não deu em nada, porque numa festa quem manda é o dono da casa.

Nos IV Jogos Olímpicos, a grande sensação foi o futebol, que era disputado pela primeira vez. E adivinhe quem ganhou: a própria Inglaterra.

Mas, pelo menos no futebol, ninguém protestou. Os ingleses, na época, eram realmente os melhores do mundo no jogo que eles mesmos haviam inventado.

Um campeão moral

Nem sempre o campeão de uma prova é o seu vencedor oficial. Nas Olimpíadas de 1908, realizadas em Londres, foi exatamente isso o que acabou acontecendo.

Para o público, o campeão foi o italiano Dorando Petri. Para o Comitê Olímpico Internacional, entretanto, o vencedor foi o norte-americano John Hayes.

Aconteceu assim: depois de correr 42 quilôme-

tros, num percurso iniciado no Castelo de Windsor, a residência da família real inglesa, o italiano Petri surgiu no estádio, onde estava a fita de chegada.

Ao vê-lo, toda a torcida se levantou para aplaudir. Mas coitado do Petri: estava pálido, cansadíssimo e vinha aos tropeções. Faltavam só 100 metros e ele caía a cada passada, já completamente sem forças.

— Vamos, Petri! — gritava a torcida das arquibancadas.

Apesar do incentivo, ele não conseguiu se levantar do último tombo. Restavam-lhe apenas 10 metros — e o que eram 10 metros para quem correra 42 quilômetros? —, quando apareceu o americano Hayes. Aí o público não se conteve e ordenou em coro:

— Levantem o italiano!

Ante a gritaria, os juízes o ergueram e ele, apoiado, terminou a corrida alguns segundos antes do que o americano. Depois, lógico, seria desclassificado. Mas, para o público inglês, ele foi o campeão.

Estocolmo, 1912
V Jogos Olímpicos

Finalmente, o barão de Coubertin pôde sorrir de felicidade. Em 1912, na fria cidade de Estocolmo, capital da Suécia, foram realizados, com absoluto sucesso, os V Jogos Olímpicos.

Não houve má organização, protestos, falta de participantes ou atletas pouco esforçados. Nada disso: em Estocolmo, tudo correu conforme o previsto.

O êxito dessas Olimpíadas começou pelo número de inscritos: nada menos do que 2541 atletas, quase dez vezes mais do que os que foram a Atenas, em 1896.

Quanto à organização, praticamente não houve falhas. Os suecos demonstraram empenho e muita competência.

Mas o que entusiasmou o barão e todos os amantes do esporte foi o aparecimento, em Estocolmo, de grandes atletas, de autênticos campeões e até de heróis.

Um deles foi um corredor de nome complicadíssimo: Hannes Kolehmainem, o "finlandês voador". Ele ganhou três medalhas de ouro nas provas de fundo (nas provas de fundo, a resistência é mais importante do que a velocidade).

O outro era um índio chamado de "Destino Brilhante", o primeiro superatleta das Olimpíadas modernas. Você vai conhecê-lo agora.

O superíndio

"Destino Brilhante", quando era um menino como você, gostava de correr pelos campos e de sentir o vento batendo no seu rosto. No começo, ele fazia isso só por prazer — mas logo descobriu que, na sua tribo de peles-vermelhas, ninguém corria mais e melhor do que ele.

Assim, um dia seu talento foi descoberto. E o convidaram para estudar no Instituto Carlisle, uma escola só para índios como "Destino Brilhante". Lá, ele continuou se revelando o melhor de todos — não só corria com incrível velocidade como também saltava e arremessava peso muito bem. Além disso, tornou-se excelente jogador de beisebol e de futebol-americano. Com tantas habilidades, Jim Thorpe — o nome de branco de "Destino Brilhante" — acabou integrando a equipe dos Estados Unidos que foi participar dos Jogos Olímpicos de 1912 realizados em Estocolmo, na Suécia.

E ele se revelaria a maior sensação daquelas Olimpíadas. Pela primeira vez na história dos Jogos, um único atleta — e um índio! — ganhava as

duas grandes provas atléticas combinadas: o pentatlo, hoje disputado apenas por mulheres, e o decatlo.

No pentatlo, há cinco competições diferentes; no decatlo, dez. São coisas para super-homens. No decatlo, por exemplo, o mesmo atleta passa pelas seguintes provas: corridas de 100, 400, 1 500, 110 metros com barreiras; salto em altura, distância e com vara; e arremesso de peso, de disco e dardo.

O público o aplaudiu de pé por suas vitórias. Mas a maior festa ficou para a sua volta a Nova York, com a cidade toda saindo às ruas para aclamar o herói Jim Thorpe.

Pena que a alegria de "Destino Brilhante" durasse pouco. Ele foi acusado de profissionalismo — disseram que havia recebido uns trocados para jogar beisebol — e, como punição, o Comitê Olímpico dos Estados Unidos o obrigou a devolver as duas medalhas de ouro que recebera em Estocolmo. Como se não bastasse, seu nome foi retirado da relação dos ganhadores.

Apesar de tudo, "Destino Brilhante" entrou para a história das Olimpíadas. Não por ser índio. Mas por ter sido um atleta quase perfeito. Quase um Hércules.

No meio dos tubarões

Os Estados Unidos sempre conseguiram apresentar atletas originais nas Olimpíadas. E Jim Thorpe, o índio "Destino Brilhante", não foi o único deles.

No mesmo ano, durante os Jogos Olímpicos de 1912, estava incluído um havaiano chamado Duke Kahanamoku.

Duke, com sua pele bronzeada e pés enormes, descomunais, era uma verdadeira incógnita dentro da equipe de natação. Seus próprios companheiros chegavam a olhá-lo com desprezo, pois não acreditavam que um rapaz tão desengonçado, que vivia numa distante ilha do Pacífico, pudesse ter alguma chance nas provas em que estava inscrito.

Pois ele surpreendeu a todos. Aos Estados Unidos e ao mundo. Ganhou, com muita facilidade, a prova dos 100 metros, estilo livre.

Oito anos depois, na cidade de Antuérpia, ele conquistaria sua terceira medalha de ouro na prova de equipe.

O engraçado é que Duke, até se tornar um atleta internacional, não nadava em piscinas oficiais, não tinha professores e não conhecia nenhum tipo de técnica. Ele simplesmente aprendeu tudo sozinho, nadando nos mares do Pacífico, entre perigosos tubarões que não o assustavam.

Mais que Pelé!

Como o Brasil, a República Federal Alemã jamais foi campeã olímpica de futebol (Em 1976, a equipe da República Democrática Alemã obteve a medalha de ouro) .

Mas, nos Jogos de 1912, o centroavante alemão Fuchs conseguiu uma marca quase inigualável em qualquer competição internacional: marcou dez gols contra a Rússia, que perdeu o jogo pela escandalosa contagem de 16 a 0.

Só para comparar, basta que você se lembre que o recorde de Pelé foi conseguido num jogo do Santos contra o Botafogo de Ribeirão Preto (SP), em 1964. Naquela ocasião, o rei do futebol marcou 8 gols.

Em 1976, numa partida entre o Sport de Recife e o Santo Amaro, pelo campeonato pernambucano, Dario — o Dadá Maravilha — conseguiu assinalar dez gols, atual recorde brasileiro.

Os anéis que dão bandeira

Você já deve ter visto muitas vezes estes cinco anéis entrelaçados. Eles são o símbolo das Olimpíadas e fazem parte de sua bandeira.

Mas o que significam? Bem, os anéis pretendem representar duas coisas. Primeiro, a união do mundo através do esporte — e é justamente por isso que estão entrelaçados. Depois, os cinco continentes.

Segundo o Barão de Coubertin, que os criou em 1914 (seis anos depois, nos Jogos de Antuérpia, na Bélgica, a bandeira olímpica seria hasteada pela primeira vez), com as suas cinco cores podem ser compostas as bandeiras de todos os países do mundo.

Por isso é que foram escolhidos o azul, o amarelo, o preto, o verde e o vermelho. Compare com as bandeiras que você já conhece.

Antuérpia, 1920
VII Jogos Olímpicos

Não, não há nenhum erro aí em cima. Depois dos V Jogos Olímpicos, foram mesmo realizados os VII Jogos Olímpicos.

Então, não houve a sexta Olimpíada? Não, elas estavam previstas para 1916. Entre 1914 e 1918, porém, aconteceu a Primeira Guerra Mundial e, por essa razão, todos os acontecimentos esportivos, incluindo os Jogos Olímpicos, tiveram que ser cancelados.

Apesar disso, o Comitê Olímpico Internacional — responsável pelas Olimpíadas — resolveu conservar a numeração original. Portanto, não houve erro nosso.

Em virtude da guerra, entretanto, as Olimpíadas de Antuérpia — uma cidade belga famosa por seus diamantes — não repetiram o sucesso dos Jogos de Estocolmo. Mas houve duas novidades.

A primeira foi a introdução do juramento olímpico pelos atletas: "Juramos participar dos Jogos Olímpicos como concorrentes leais, respeitando os regulamentos e decididos a competir dentro de um espírito cavalheiresco, pela honra de nosso país e pela glória do esporte".

A segunda novidade foi a introdução da bandeira olímpica, com seus cinco anéis entrelaçados.

Nossas primeiras medalhas

O primeiro brasileiro a conquistar uma medalha de ouro nas olimpíadas foi Guilherme Paraense. Aconteceu em 1920, nos jogos disputados em Antuérpia, na Holanda. Guilherme, nascido em Belém do Pará, era tenente do exército e exímio atirador. Ele competiu na prova de revólver, que consistia em 20 tiros, a uma distância de 30 metros do alvo. Calmo, braço firme, Guilherme Paraense foi disparando com muita precisão e no último tiro — o que decidiu a medalha — acertou em cheio. Fez 274 pontos contra 272 do segundo colocado.

Nosso primeiro campeão olímpico morreu no Rio de Janeiro em 1968.

Ainda em Antuérpia, o Brasil ganhou mais duas medalhas: prata e bronze. A de prata foi conquistada por Afrânio Costa na prova de pistola livre, distância de 50 metros. Afrânio era de Macaé, Estado do Rio, e um entusiasta do tiro, esporte que vinha praticando desde 1912. A terceira medalha também foi obtida no tiro, terceira colocação por equipe, prova de pistola livre. A equipe: Guilherme Paraense, Afrânio Costa, Sebastião Wolf, Dario Barbosa e Fernando Soledade.

Você deve estar lembrado que as Olimpíadas de 1900 haviam sido realizadas em Paris junto de uma exposição internacional e que, por isso, fracassaram. Mas os franceses aprenderam bem a lição. Vinte e quatro anos depois, eles promoveram novamente os Jogos Olímpicos em sua capital. E, dessa vez, tudo correu direitinho.

Além de organizadas com maior cuidado, as Olimpíadas de 1924 revelaram ao mundo atletas excepcionais. Entre eles, o maior de todos foi Paavo Nurmi, um maravilhoso corredor da Finlândia. Você irá conhecê-lo melhor na página seguinte.

Outro que se tornaria famoso — e falaremos mais dele na página 41 — chamava-se Johnny Weissmuller, um sensacional nadador americano que faria o papel de Tarzan no cinema.

Além de Paavo e do futuro Tarzan, um campeão que se tornaria famoso mais tarde era o remador John Kelly, da equipe dos Estados Unidos. Na verdade, menos por ele mesmo do que por sua filha, Grace, que seria atriz de cinema e, depois, a princesa de Mônaco e mãe da não menos badalada princesa Caroline. Nenhuma das duas, aliás, mostraria qualquer vocação esportiva.

O corredor das neves

Ele se levantava, todos os dias, às 6 horas da manhã e saía para correr. Isso talvez não chegue a ser uma proeza no Rio de Janeiro, onde muitas pessoas acordam com o sol e vão à praia fazer exercícios. Mas, para Paavo Johannes Nurmi, essa atividade era algo fora do comum.

Paavo não morava no Rio. Paavo morava na Finlândia, um frio país do norte da Europa, com seus 60 mil lagos e cerca de 5 milhões de habitantes — quase todos eles apreciadores de esporte. E na Finlândia, como você já deve estar imaginando, o inverno é pra pingüim nenhum botar defeito. Lá, a temperatura chega a descer aos 20 graus abaixo de zero.

Mesmo assim, Paavo saía para correr na neve. Voltava para casa, fazia sua primeira refeição — geralmente à base de pão preto e peixe seco — e ia correr outra vez. Descansava, almoçava — e dava novos piques pela rua, sempre com um relógio no pulso para controlar seu tempo. Aí, finalmente, tomava um banho frio

(mesmo no inverno!) e ficava lendo até dormir. No dia seguinte, levantava-se às 6 horas da manhã e...

Bem, você já deve ter imaginado no que Paavo Nurmi se transformou com toda essa sua disciplina. De fato, ele foi não só o maior nome do esporte finlandês como um dos grandes atletas internacionais de todos os tempos.

Paavo brilhou intensamente nas Olimpíadas de Antuérpia, em 1920 (medalha de ouro nos 10 mil metros e nas provas de *cross-country,* que já não são disputadas, categorias individual e por equipe), de Paris, em 1924 (medalhas de ouro em 1 500, 5 mil e 10 mil metros), e de Amsterdã, em 1928 (medalha de ouro em 10 mil metros e de prata em 5 mil metros).

Quanto à sua participação em Amsterdã, dizem que ele só não ganhou a corrida dos 5 mil metros porque não quis. Ele liderava até o finzinho, quando diminuiu a marcha e deixou que seu compatriota Ville Ritola o ultrapassasse.

Se é verdade, não se sabe. De qualquer modo, Paavo já estava cansado de vencer e decerto resolveu dar uma colher de chá para seu patrício.

Olha o Tarzan!

Os pais de Johnny já não sabiam mais o que fazer. Seu menino era mesmo uma criança doente e parecia não haver jeito de recuperá-lo.

Ele estava com seis anos e ainda não sabia falar! No máximo, conseguia resmungar, com muito esforço, duas ou três palavras quase incompreensíveis. Tinha reflexos lentos, andava aos tropeções e não aprendia nada do que lhe ensinavam.

Definitivamente — pensavam o sr. e a sra. Weissmuller —, parecia um caso perdido.

— Mas há uma esperança — disse-lhes um dia o médico que o tratava em Chicago, a cidade dos Estados Unidos em que eles moravam.

— Que tipo de esperança podemos ter? — animaram-se os pais.

— Bem, experimentem colocá-lo numa escola de natação. Talvez ele melhore um pouquinho. Mas não fiquem esperando nenhum milagre.

O milagre, porém, aconteceu. Graças à natação, que começou a praticar com muito entusiasmo, o menino doente, que aos seis anos não sabia falar, foi melhorando. Cresceu, ficou forte, desenvolveu sua inteligência e — para espanto geral, sobretudo de seus pais e do médico de Chicago — tornou-se um homem famoso.

Pois é, Johnny Weissmuller virou um grande nadador. Era tão bom que foi às Olimpíadas de 1924, em Paris, e de 1928, em Amsterdã. Ganhou cinco medalhas de ouro e bateu vários recordes mundiais em suas especialidades: as provas de 100 e 400 metros, estilo livre.

Aí então Johnny conheceu a glória. Foi convidado e aceitou um convite para trabalhar no cinema e, durante 16 anos, de 1932 a 1948, fez nas telas o papel de Tarzan. Nem Edgard Rice Burroughs, o criador da personagem, poderia calcular que Tarzan um dia nadaria tão bem!

Mais tarde, também no cinema, Johnny interpretaria outro herói africano, o Jim das Selvas. Nada mau para uma criança doente que não conseguia se curar. Você não acha?

Os campeões de biscoito

As Olimpíadas, atualmente, são encaradas com muita seriedade pelos países que têm chances de conquistar medalhas. Seus melhores atletas são escolhidos a dedo em clubes, escolas e fábricas. Durante várias semanas, a exemplo do que acontece com os jogadores profissionais de futebol, eles treinam intensamente e recebem alimentação especial.

Nas vésperas do embarque, finalmente, ficam em concentração.

Concentração, em esporte, é o seguinte: um

severo regime de treinamento, num hotel isolado, longe dos parentes e amigos como se fosse um colégio interno. Não deixa de ser um sacrifício pessoal muito grande, mas todos os que ganham medalhas acabam achando que vale a pena.

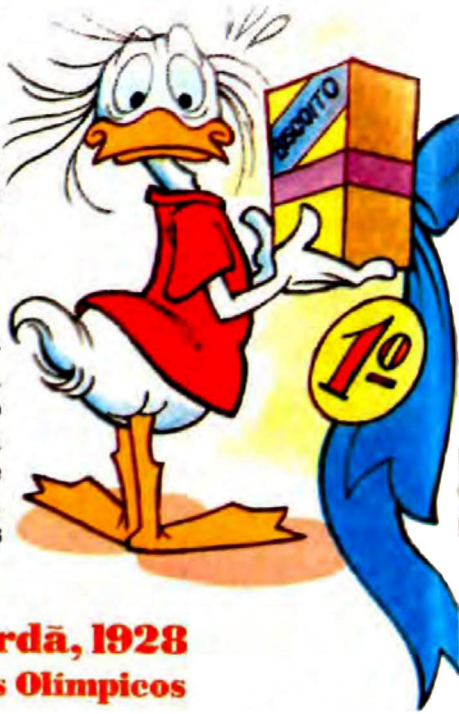
Esses cuidados são especialmente grandes na equipe dos Estados Unidos, um país sempre empenhado em ganhar as Olimpíadas. Mas nem sempre foi assim. Anos atrás, realmente, a convocação para os Jogos não representava sacrifício para ninguém. Ao contrário: era uma coisa até muito divertida.

Só para você ter uma idéia, no início os americanos faziam tanta farra no caminho das Olimpíadas que, em 1924, a chefia da delegação foi entregue ao general Douglas MacArthur. Mais tarde, durante a Segunda Guerra Mundial, ele comandaria as forças americanas no Pacífico.

Mas nem a presença do general MacArthur evitou que a viagem dos rapazes a Amsterdã, onde se realizariam as Olimpíadas, fosse uma verdadeira festa. Durante duas semanas, a bordo do navio Roosevelt, os atletas simplesmente se recusaram a treinar (havia um local especial para isso no transatlântico). Dia e noite ficavam bebendo, dançando e jogando. No fim da via-

gem, sem saber o que inventar, os americanos resolveram promover um torneio para ver quem seria capaz de comer mais biscoitos.

Resultado: vários atletas desembarcaram com problemas no estômago e, claro, não conseguiram todas as medalhas que pretendiam. A não ser, lógico, as de campeões em gulodice.



Amsterdã, 1928
IX Jogos Olímpicos

Foram as últimas Olimpíadas assistidas pelo nosso barão. Ele chegou muito feliz a Amsterdã, a principal cidade da Holanda, o país das tulipas e dos moinhos de vento. Afinal, a chama olímpica que ele acendera 32 anos atrás, ao lado das ruínas dos templos gregos, agora parecia estar acesa para sempre.

Depois de enfrentar as dificuldades que nós já conhecemos — a falta de organização, o pequeno número de participantes e outros problemas —, os Jogos Olímpicos finalmente haviam dado certo. Os jornais do mundo inteiro falavam das provas e de seus campeões, enquanto as emissoras de rádio transmitiam os seus resultados (A televisão ainda não existia).

Mas o barão de Coubertin teve uma decepção em Amsterdã. Ele sempre achou que esporte era coisa para homem. As mulheres — acreditava o barão — deveriam

ficar de fora, cuidando da casa e dos filhos.

Para o desencanto do barão, elas não pensavam assim. Tanto que logo nos primeiros jogos conseguiram participar das provas de natação. Depois, passaram a praticar arco-e-flecha. Nas Olimpíadas de 1928, enfim, as mulheres entraram no atletismo. E se inscreveram nada menos de 290 moças.

É. Definitivamente, o nosso barão fora derrotado. As mulheres, com justiça, ganhavam seu lugar nos campos esportivos.

Mulheres na pista

Para conquistar seu lugar nas Olimpíadas, as mulheres precisaram vencer a má vontade do nosso barão de Coubertin. Como já sabemos muito bem, o barão era uma pessoa maravilhosa, tinha idéias ótimas, fora o responsável pelo renascimento dos Jogos Olímpicos, dera uma contribuição extraordinária ao esporte — mas, como todo ser humano, também errava.

O maior de seus erros, provavelmente, era acreditar que o esporte só podia ser praticado por marmanjos. Ora, isso é uma grande bobagem. Está certo que uma menina não pretenda ser

halterofilista ou vestir capacete para jogar futebol americano.

Mas há algum mal em que uma garota corra? Que salte? Que jogue vôlei? Que pratique basquete? Que se dedique à ginástica? O barão achava que sim. Com o tempo, porém, ele foi mudando de idéia e, em 1928, 290 moças tomaram parte dos Jogos de Amsterdã.

Essa notícia deixou Mildred Didrikson, uma jovem americana de Nova York, muito feliz. Ela adorava o esporte e estava louca para entrar numa Olimpíada. Agora, finalmente, poderia realizar o seu sonho.

E lá se foi "Babe" — como era conhecida entre as amigas — para Los Angeles. Foi sua consagração. Ganhou medalhas de ouro no arremesso de disco e nos 80 metros com barreiras, hoje não mais disputados, além de uma medalha de prata no salto em altura.

"Babe" é hoje considerada uma das maiores atletas já reveladas nos Estados Unidos. Mesmo depois das Olimpíadas, já famosa, ela continuaria em atividade. Foi grande jogadora de tênis, golfe e basquete, conquistando vários títulos.

Mais do que uma campeã, no entanto, "Babe" tornou-se uma verdadeira pioneira. Depois dela, nunca mais ninguém teve coragem de dizer que uma mulher bonita não pode ser também uma competente esportista.

Los Angeles, 1932
X Jogos Olímpicos

Os franceses falharam na organização das Olimpíadas de 1900, como você já sabe, mas corrigiram seus erros em 1924. Da mesma forma, os norte-americanos souberam se recuperar do fracasso dos Jogos de St. Louis, em 1904.

Em Los Angeles, no ano de 1932, eles puderam se orgulhar de mostrar ao mundo as melhores Olimpíadas disputadas até então. E conseguiram todos os recordes possíveis: de público (nada menos de 100 mil pessoas assistiram às cerimônias de abertura), de bom tempo (fez sol o tempo inteiro) e, principalmente, de marcas atléticas (os resultados das provas foram quase todos excelentes).

Claro que, ao lado disso, registraram-se alguns acidentes — que ninguém é perfeito. Na prova dos 3 mil metros com obstáculos, por exemplo, os corredores, por erro dos juízes, deram uma volta a mais. Os atletas argentinos andaram brigando entre si e quando voltaram para casa foram todos presos. E os brasileiros, veja só, embarcaram no Rio de Janeiro num navio cargueiro e foram parando de porto em porto para vender café. Foi o modo que encontraram para pagar sua viagem — e no fim, infelizmente, não ganhamos nenhuma medalha.

Prêmio: a prisão

Os campeões da maratona, uma prova árdua, muitas vezes transformam-se em heróis. Como acontece com poucos vencedores dos Jogos Olímpicos, eles recebem prêmios, são homenageados, desfilam pelas ruas em carro aberto e, geralmente, ficam famosos pelo resto da vida.

Isso vem de longe, desde os tempos do soldado Fidípides, pois os feitos na longa e emocionante corrida de maratona são sempre cercados de uma aura de lenda, mistério e bravura.

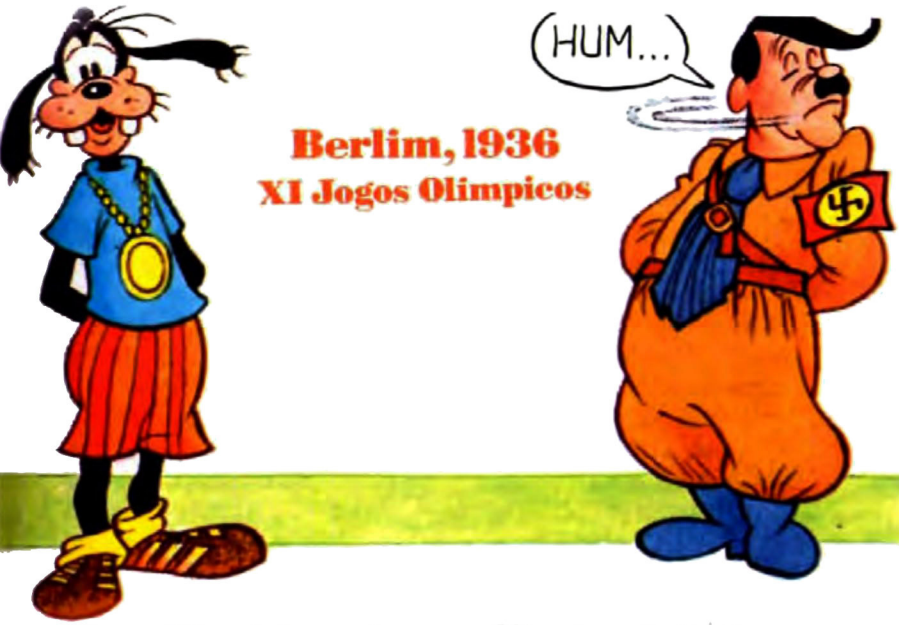
Só houve uma exceção.

Foi em 1932, nas Olimpíadas de Los Angeles. Para surpresa geral, até mesmo de seus companheiros de equipe, o argentino Juan Carlos Zabala — primeiro e até hoje único campeão latino-americano da maratona — chegou em primeiro.

Nada mais justo que, quando retornasse a Buenos Aires, o jovem Zabala, com seus cabelos curtinhos e seu ar quase infantil, tivesse uma acolhida heróica. Mas não foi bem isso o que acabou acontecendo.

É que, durante os Jogos, os argentinos andaram se rebelando contra a chefia da delegação e chegaram a brigar violentamente, com socos e pontapés, em plena Vila Olímpica — que é o local onde todos os atletas ficam alojados.

O governo argentino não os perdoou e todos foram presos ao desembarcarem. Entre eles, o campeão Zabala.



Berlim, 1936
XI Jogos Olímpicos

As Olimpíadas de 1936, realizadas em Berlim, então a capital da Alemanha, foram organizadas com um cuidado inigualável em toda a história do esporte. É que elas deveriam provar, como desejavam os nazistas, a superioridade de uma raça sobre as outras.

Você já deve saber que essa superioridade não existe. Todos os homens nascem iguais e não são melhores ou piores por ter cabelos brancos, pretos, loiros ou castanhos.
Mas não era bem isso o que pensavam os nazistas. É que eles pretendiam demonstrar, nos Jogos Olímpicos de Berlim, que pertenciam a uma raça superior. Por isso — pensavam — iriam ganhar o maior número de medalhas.

Hoje em dia todos nós sabemos que isso tudo é um papo furado. Mas, em 1936, o mundo se dividia justamente por causa dessa discussão.

Assim, pela primeira vez, as Olimpíadas transformam-se num acontecimento político. Imagine a decepção do nosso barão de Coubertin, ele que lutou a vida inteira para provar que política e esporte eram coisas bem diferentes.

Mas, os nazistas estavam absolutamente crentes de que teriam êxito. Construíram o maravilhoso Estádio Olímpico de Berlim, com capacidade para 110 mil pessoas, fizeram confortáveis alojamentos para os 4069 atletas inscritos e esperaram a festa começar.

E que festa! Ela se iniciou com a chegada ao estádio da tocha olímpica. A tocha fora trazida acesa, por vários atletas que se revezavam no caminho desde as ruínas de Olímpia, na Grécia.

Depois vieram as provas. E quem ganhava as mais importantes? Os donos da casa? Não, uns incríveis atletas negros dos Estados Unidos. O maior deles era Jesse Owens, que você conhecerá melhor nas páginas seguintes. Quando ele recebeu sua quarta medalha de ouro, Adolf Hitler, o chefe dos nazistas, levantou-se e saiu irritado do estádio.

Jesse Owens acabava de lhe mostrar que essa história de raça superior era só conversa fiada.

A tocha olímpica

A tocha é um dos símbolos das Olimpíadas e está presente nas competições desde os Jogos da Grécia Antiga.

Mas a tradição de trazê-la acesa desde as ruínas do templo de Zeus, em Olímpia, começou apenas em 1936, nas Olimpíadas de Berlim. Desde então, algumas semanas antes das Olimpíadas, há uma cerimônia muito bonita na Grécia para que

ela seja transportada até o estádio em que será realizada a abertura oficial da competição. Jovens gregas, vestidas como as sacerdotisas do templo, entregam a tocha a um corredor de seu país.

Começa, nesse momento, uma longa corrida de revezamento. Na medida do possível, o percurso é feito por terra. Participam corredores de todos os países que constam no roteiro, que vai de Atenas à cidade sede dos Jogos.

Finalmente, um atleta do país organizador a conduz até o estádio, onde ela permanece acesa até o encerramento dos Jogos.

Um salto pelo mundo

O menino Jesse, se pudesse escolher, não gostaria de ter nascido exatamente no Alabama, no sul dos Estados Unidos. É verdade que ele sempre achou o Alabama um lugar agradável, com seus campos branquinhos por causa das plantações de algodão.

Mas o problema, para Jesse e outras crianças negras como ele, era o preconceito racial. Isso o deixava muito triste, porque não podia conviver com os garotos bran-

cos e precisava estudar em outras escolas.

Hoje em dia essas coisas existem em proporções bem menores. No início do século, porém, elas eram mais complicadas. E tudo isso fez de Jesse um garoto revoltado, que sonhava com um mundo normal, sem separações entre os brancos e os pretos.

Às vezes, correndo entre os algodoeiros próximos à cidade de Danville, onde vivia, ele ficava pensando se poderia fazer alguma coisa para mudar essa situação. Para mostrar, enfim, que não existia uma raça melhor do que as outras.

E ele teve essa oportunidade nas Olimpíadas de Berlim, em 1936, quando os nazistas pretendiam provar sua superioridade em relação aos demais povos do mundo.

Grande atleta, Jesse começara a se tornar famoso um ano antes, nos Estados Unidos, durante uma competição universitária. Sem que quase ninguém o conhecesse, num mesmo dia ele bateu ou igualou seis recordes mundiais.

Em Berlim, afinal, ele destruiu as teorias racistas ganhando quatro medalhas de ouro. Uma delas — que fez o ditador nazista Adolf Hitler abandonar irritado o estádio — premiou sua façanha mais espetacular: deu um salto em distância de 8,06 metros.

Durante 24 anos, ninguém conseguiu igualar a façanha de Jesse Owens, o menino do Alabama que provou que não existe diferença entre as raças humanas.

Os Jogos Olímpicos sofreram uma interrupção de doze anos, por causa da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), que provocara milhões de mortes e destruíra inúmeras cidades.

Durante todo esse tempo, o esporte parou. Os atletas não podiam treinar e os estádios, em vez de campeões e torcedores, abrigavam soldados feridos nas batalhas.

Mas, em 1948, o mundo começava a se recuperar desse pesadelo. E, com a vida voltando ao normal, as Olimpíadas também retornaram ao calendário esportivo. Por isso, os XIV Jogos Olímpicos (lembre-se de que a numeração não se altera), foram realizados com alguma improvisação, em Londres, a capital inglesa.

Diante de tantas e tantas dificuldades, os resultados não poderiam ser tão bons. De fato, não foram. Mas, pelo menos, os ingleses conseguiram demonstrar que o esporte resiste até mesmo às guerras.

E houve uma surpresa: a atuação de Fanny Blankers-Koen, uma holandesa que se tornou a primeira mulher a ganhar quatro medalhas de ouro numa Olimpíada. Fanny era casada, tinha dois filhos e estava com 30 anos. Agora, você vai saber como ela alcançou essa façanha.

A mamãe maravilhosa

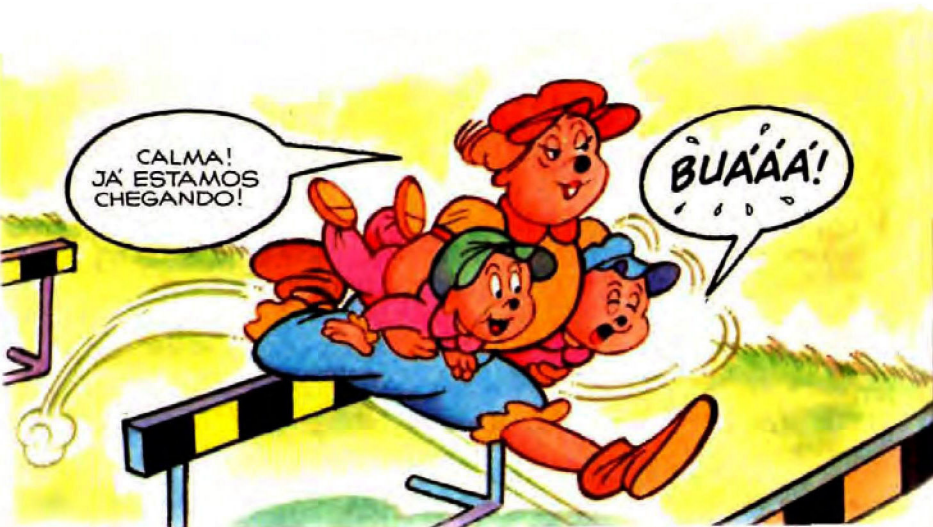
Com 30 anos, casada e mãe de dois filhos, a holandesa Fanny Blankers-Koen poderia ser somente uma ótima dona-de-casa ou uma dedicada professora. Menos uma atleta olímpica.

Era isso o que todos pensavam em Londres quando souberam que ela se inscrevera nos Jogos Olímpicos de 1948.

Porém, ela vinha sonhando com esse grande momento desde 1937, quando começou a treinar seriamente e transformou-se na melhor corredora de seu país. Só não contava com a Segunda Guerra Mundial, que provocou uma interrupção das Olimpíadas.

Agora, tanto tempo depois, ela estava mudada, mais velha e com uma família para cuidar. Sua força de vontade, porém, superava tudo isso — e permitiu que fosse a primeira mulher a ganhar quatro medalhas de ouro. Foi a primeira nos 80 metros com barreiras, em 200 e 800 metros rasos e no revezamento de 4 x 100.

Fanny, além das quatro medalhas, ganhou um apelido em Londres: "mamãe maravilhosa". E, com ele, voltou para casa, onde ficou cuidando dos filhos por muitos e muitos anos.



No basquete, três medalhas

Três esportes coletivos já deram medalhas ao Brasil: basquete, vôlei e futebol. O vôlei e o futebol ganharam a medalha de prata em 1984, em Los Angeles. E o basquete?

Graças a duas excepcionais gerações de jogadores, o Brasil — que foi campeão mundial em 1959 e bicampeão em 1963 e até hoje tem grandes cestobolistas atuando em todo o país — recebeu a medalha de bronze nos Jogos de Londres, em 1948, de Roma, em 1960, e de Tóquio, em 1964.

Em Londres, comandado pelo grande jogador carioca Algodão, o time brasileiro deu um banho de bola nos ingleses (por 76 x 11) e sofreria contra a França sua única derrota (43 x 33).

Doze anos depois, em Roma, a equipe estava modificada e já contava com os "cestinhas" Amauri e Wlamir, além de craques como Mosquito e Rosa Branca. Perdemos apenas nos dois jogos finais, frente aos soviéticos (64 x 62) e norte-americanos (90 x 63).

Finalmente, em Tóquio, com praticamente os mesmos titulares, mantivemos o terceiro lugar.

Medalhas em família

Na história das Olimpíadas, há casos de irmãos, irmãs, primos e marido e mulher que ganharam medalhas. Mas não há nada parecido com o que aconteceu com uma família húngara.

Em 1948, Dezso Gyamati, como participante

da equipe de pólo aquático da Hungria, recebeu uma medalha de prata. Depois — sempre com Dezso no time —, os húngaros ganhariam medalha de ouro em 1952, 1956 e 1964, além de uma de bronze em 1960.

Sua mulher, Eva Szekely, conquistou medalha de ouro em natação, na prova de 200 metros, nado de peito, em 1952.

Dois anos depois, nasceu Andrea, a primeira filha do casal. Puxando os pais, ela tornou-se boa nadadora e participou das Olimpíadas de 1968, no México, onde ficou em 5.º lugar nas provas que disputou.

Em 1972, confirmando o talento da família, ela arrebatou a medalha de prata nos 100 metros, nado de costas, e a de bronze, nos 100 metros, estilo borboleta.

Quantas medalhas, daqui a alguns anos, não ficarão com os netos de Dezso e Eva?

Bob, o resmungão

O jovem norte-americano Robert Bruce Mathias viajou contrariado para participar dos Jogos Olímpicos de 1948, em Londres. Claro, havia muitos atrativos na viagem. Aos 17 anos, ele iria conhecer a Europa. Além disso, Bob — como era conhecido — era um ótimo atleta e adorava o esporte.

Mas ele estava aborrecido porque Virgil Jackson, o técnico da equipe americana, não o

inscrevera nas corridas de curta distância.

— A única coisa que eu gosto de fazer — queixava-se Bob — é correr e jogar futebol.

Seu técnico, porém, tinha outros planos. Ele achava Bob um atleta tão completo que só via uma prova à sua altura: o decatlo.

No decatlo, há dez competições diferentes e Bob não conhecia a maioria delas. Nunca fizera um lançamento de dardo, jamais tentara um salto em distância e não se sentia à vontade em corridas de resistência. Mesmo assim, Bob enfrentou as dez provas, sob chuva forte, ao longo de dez horas cansativas.

Ganhou a medalha de ouro, embora fosse o mais novo de todos os atletas que foram a Londres. E, apesar de contrariado, tornou-se um especialista em decatlo. Quatro anos depois, em Helsinki, ganharia o bicampeonato e bateria várias vezes os recordes mundiais. Imagine só se ele gostasse!

Helsinki, 1952
XV Jogos Olímpicos

Helsinki, a bela e fria capital da Finlândia, lá no norte da Europa, foi o palco, em 1952, de uma Olimpíada muito importante. Pela primeira vez, os Estados Unidos e a União Soviética — que, também no esporte, são as maiores potências do mundo — mediam forças nas pistas e piscinas, nos campos e quadras.

Ainda bem que o nosso barão não viu nada disso, pois do contrário ele ficaria outra vez triste com a transformação de suas Olimpíadas numa luta política.

O maior número de medalhas, como se esperava, ficou entre os dois países (40 para os norte-americanos, 22 para os soviéticos). Mas os grandes destaques dos XV Jogos Olímpicos não foram nem da União Soviética nem dos Estados Unidos. Eram de outros lugares.

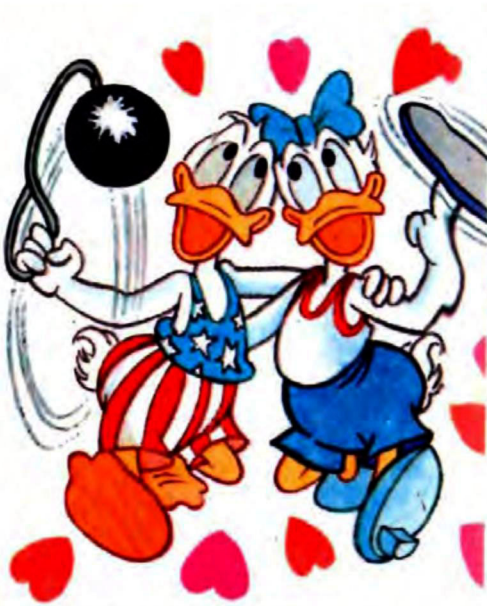
Quer ver só? No futebol, a equipe campeã foi a da Hungria — uma das melhores seleções de todos os tempos, comandada pelo fabuloso atacante Puskas.

No salto triplo, sabe quem venceu? O brasileiro Ademar Ferreira da Silva, que bateu o recorde mundial e tornou-se um de nossos poucos e grandes heróis olímpicos.

Mas o maior destaque coube a um casal da Tchecoslováquia: Emil e Dana Zatopek. Dana ganhou medalha de ouro no arremesso de dardo. E Emil, seu marido, surgiu em Helsinki simplesmente como o maior corredor do mundo.

Um novo Hércules? Mais ou menos. Emil Zatopek, conhecido como a "Locomotiva Humana", venceu as corridas de 5 mil e de 10 mil metros, com o intervalo de apenas 24 horas.

Melbourne, 1956
XVI Jogos Olímpicos



E a briga entre Estados Unidos e União Soviética continuou, em 1956, lá na terra dos cangurus: em Melbourne, na Austrália.

Nada mais justo, por sinal, do que a escolha desse local para as competições. É que os australianos adoram o esporte e sempre tiveram ótimos nadadores, tenistas e atletas.

Nos XVI Jogos Olímpicos, uma das sensações foi a australiana Dawn Fraser, primeira tricampeã olímpica de natação.

Mas a grande briga foi mesmo entre Estados Unidos e União Soviética. Destacaram-se os americanos Robert Richards (bicampeão do salto com vara) e Harold Connolly (medalha de ouro no arremesso do martelo). Já os russos revelaram Vladimir Kutz, um excepcional corredor que ganharia as provas de 5 mil e 10 mil metros, e sua incrível equipe de ginastas.

Nessas Olimpíadas, houve uma história de amor que ficou famosa. O mesmo Harold Connolly casou-se com a tcheca Olga Fikotova (medalha de ouro no arremesso de disco). Eles se conheceram no intervalo dos jogos e, como nos contos de fada, foram felizes para sempre.

Ademar, o maior

Dos nossos heróis olímpicos, um dos maiores é Ademar Ferreira da Silva, bicampeão no salto triplo em 1952 e 1956. De nossas medalhas olímpicas ele conquistou duas.

Ademar, um negro magro de longas pernas, foi realmente um fenômeno do atletismo. Em 1946, com 19 anos (nasceu no dia 29 de setembro de 1927), resolveu tentar pela primeira vez o salto triplo, modalidade que não conhecia. No ano seguinte, já era campeão paulista. E dois anos depois participou das Olimpíadas de Londres.

Inexperiente e um tanto assustado — ele jamais saíra de São Paulo —, não conseguiu mais do que um 11.º lugar. Mas, naquela altura, Ademar ainda estava em formação e começava a aprender os segredos e as técnicas do salto triplo.

A lição de Londres foi proveitosa. Mais maduro e bem treinado, em 1952, nos Jogos de Helsinki, ele assombraria o mundo com um recorde (16,22 metros) que lhe valeu sua primeira medalha de ouro. Em 1956, em Melbourne, ele melhoraria a marca (16,35 metros) e conquistaria assim o bicampeonato.

Filho de um ferroviário e de uma lavadeira,

Ademar Ferreira da Silva iria muito longe na vida. Depois de se consagrar nas Olimpíadas, estudou Direito e Educação Física. Trabalhou como locutor de rádio, jornalista e ator. Candidatou-se a deputado federal (não chegou a se eleger) e, finalmente, exerceu a função de adido cultural da Embaixada do Brasil na Nigéria.

Roma, 1960

XVII Jogos Olímpicos

Roma, a "Cidade Eterna", precisava resgatar uma velha dívida com o esporte. Não fora em Roma que os Jogos Olímpicos da Antiguidade começaram a decair? E não fora em Roma que eles se acabaram? Agora, em 1960, Roma iria finalmente se redimir.

Não deu outra: os italianos conseguiram organizar uma Olimpíada que entraria para a história do esporte. Além de seus cuidados no planejamento e na construção de locais apropriados para as competições, eles tiveram a sorte de receber uma geração excepcional de atletas.

Lá estava a negra norte-americana Wilma Rudolph, talvez a maior velocista de todos os tempos, vencedora de três medalhas de ouro.

Lá estavam as irmãs soviéticas Tamara e Irina Press. Tamara ganhou medalha de ouro no arremesso de peso; Irina, uma de ouro nos 80 me-

tros com barreiras e uma de prata no lançamento de disco.

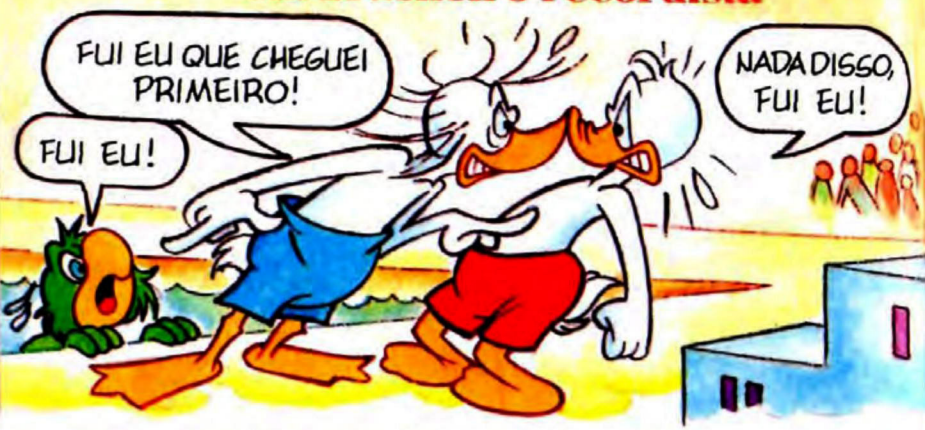
Lá estava o notável corredor etíope Abebe Bikila, que venceu a maratona correndo descalço.

E lá estava um jovem lutador de boxe que, com apenas 18 anos, foi campeão na categoria meio-pesado. Depois de receber a medalha de ouro, ele prometeu:

— Vou ser o maior do mundo.

E foi. Sabe quem era ele? Cassius Clay.

Um brasileiro recordista



Empate? A primeira impressão dos juízes, na prova dos 100 metros, nado livre, das Olimpíadas de Roma, fora de que os três nadadores haviam chegado juntos. Mas quem teria ganho? O americano Lance Larson? O australiano John Devitt? Ou o brasileiro Manoel dos Santos?

Depois de muitas discussões, o australiano acabou proclamado vencedor e Manoel dos Santos ficou com a medalha de bronze.

Paulista de Guararapes, onde nasceu a 22 de fevereiro de 1939, Manoel dos Santos chegou a ser recordista mundial em sua especialidade.

A gazela dorminhoca

A final da corrida dos 100 metros rasos para mulheres iria começar em alguns instantes. Naturalmente, todas as atletas estavam nervosas, inquietas. Menos uma: Wilma Rudolph.

— Wilma, acorde! — chamou o seu técnico Ed Temple.

Ela esfregou os olhos e resmungou:

— Pra quê?

— Está na hora da corrida, Wilma — explicou o técnico.

Meio mal-humorada, ela levantou-se e foi para a pista do Estádio Olímpico de Roma.

— Ela é sempre assim — contava Ed Temple aos que se espantavam com sua tranqüilidade. — Parece não ter nervos. Mas, na hora da corrida, ela se transforma numa explosão.

Alta, magra, elegante, Wilma — *a gazela negra* — concentrou-se e, como Ed previra, explodiu com a força de um torpedo. Durante onze segundos, o tempo recorde que gastou para cumprir o percurso, ela só pensou em ganhar aquela corrida, que tinha tanto significado pessoal.

Era, de certa forma, uma vitória contra todas as dificuldades que sofrera na vida, desde que nascera numa pequena cidade norte-americana, no Estado de Tennessee, 20 anos atrás. Seus pais, muito pobres, tiveram 17 filhos. Como os irmãos, Wilma passara fome e fora uma criança doente. Com 12 anos, teve que

ser internada por causa de um problema nos ossos, o que a impedia de caminhar.

Quase ficara paralítica. E agora, nas Olimpíadas de 1960, Wilma superava tudo isso. Ganhou facilmente a corrida dos 100 metros — e também a de 200 e o revezamento de 4 x 100.

Com três medalhas de ouro, transformada na maior velocista da história do atletismo, Wilma foi festejada por Ed e por todos os companheiros de equipe. Nada mais justo. Mas ela nem ligou. No meio das comemorações, pediu licença, saiu da sala e foi tirar uma soneca...

"Eu sou Clay, o maior"

Ele sempre se considerou o melhor do mundo. No começo, todos achavam que, por causa de afirmações como essa, aquele desconhecido lutador de 18 anos que integrava a equipe de boxe dos Estados Unidos nas Olimpíadas de Roma, em 1960, não passava de um fanfarrão atrevido.

Mas, depois de algum tempo, foi preciso reconhecer: Cassius Marcellus Clay foi mesmo o maior pugilista de sua época e talvez de todos os tempos.

Suas glórias começa-

ram justamente nos Jogos Olímpicos de Roma. Embora poucos já tivessem ouvido falar dele, Clay conquistou com muita facilidade uma medalha de ouro na categoria dos meio-pesados.

Após as Olimpíadas, ele se tornou profissional. E em 1964, na cidade norte-americana de Miami, nocauteou Sonny Liston, tornando-se campeão mundial. Mais tarde, perdeu o título fora do ringue — naquela altura, Clay enfrentava problemas com o governo dos Estados Unidos por se recusar a servir o Exército. Então, resolveu mudar de nome: passou a se chamar Muhammad Ali.

— Ainda sou o maior do mundo — afirmava.

E provaria isso duas vezes, recuperando sua posição em memoráveis lutas contra George Foreman e Leon Spinks. Clay podia ser fanfarrão, mas nunca houve um lutador como ele.

O guarda do imperador

Um avião pousou no aeroporto de Roma e dele desceu um estranho passageiro. Embora magrinho e de aparência frágil, seu uniforme de gala, coberto de condecorações, dava-lhe um ar solene e respeitável.

Cheias de curiosidades, algumas pessoas se aproximaram do misterioso visitante.

— Desculpe, mas quem é o senhor?

Ele ajeitou o quepe e respondeu orgulhoso:

— Meu nome é Abebe Bikila. Sou oficial da guarda do imperador Hailé Selassié, da Etiópia. E vim a Roma para ganhar a maratona.

As pessoas, naturalmente, precisaram conter um risinho de ironia. Que fosse da guarda de um imperador africano, vá lá. Mas ganhar a maratona? Devia ser piada.

Quando a corrida começou, alguns dias depois, muitos outros voltaram a rir. Enquanto todos os atletas calçavam sapatilhas de corrida, indispensáveis para uma prova duríssima de mais de 40 quilômetros, Abebe Bikila estava simplesmente descalço.

— Ele é um louco — pensaram.

Pois todos se enganaram. Bikila venceu a maratona com o tempo recorde de 2h15m16s2d — que baixaria mais nas Olimpíadas de Tóquio, em 1964, quatro anos depois, ao conquistar o bicampeonato. Só que, dessa vez, não foi descalço.

Tóquio, 1964
XVIII Jogos Olímpicos

Se Roma projetou Cassius Clay, Tóquio, em 1964, revelaria outro futuro campeão mundial de boxe: o também norte-americano Joe Frazier. Nessas primeiras — e até agora únicas — Olimpíadas realizadas no Extremo Oriente, outros atletas dos Estados Unidos brilharam intensamente.

Um dos grandes campeões de Tóquio, por

exemplo, chamava-se Bob Hayes. Corredor muito rápido, alcançou uma marca que se tornaria lendária: fez o tempo de 10 segundos cravados na prova de 100 metros rasos, que dá ao seu ganhador o título de "homem mais rápido do mundo".

Em outra corrida — a de 10 mil metros, feita para fundistas, isto é, para atletas de muito fôlego e resistência —, houve uma surpresa. Batendo todos os favoritos, o também americano Billy Mills ficou com a medalha de ouro. Billy Mills era um índio sioux.

O atleta mais premiado seria ainda dos Estados Unidos: Don Schollander, que recebeu quatro medalhas de ouro em natação. Don era filho da artista que fizera o papel de Jane, a companheira de Tarzan. E quem era o Tarzan? Ninguém menos do que Johnny Weissmuller, o antigo campeão olímpico de natação.

Uma "lembrancinha" cara

Você já viu que muitos conceitos olímpicos, considerados imutáveis pelo nosso saudoso barão, acabam sendo modificados pelo tempo.

Foi assim com a presença das mulheres no esporte e também aquela história de que o importante não é vencer e sim competir.

Mas um princípio permanece e certamente não será esquecido jamais: um atleta deve ser leal. Ou, do contrário, não fará jus a esse nome.

Em 1964, nas Olimpíadas de Tóquio, a nadado-

ra Dawn Fraser, da Austrália, perdeu tudo porque se esqueceu disso.

Ela acabara de conquistar o tricampeonato nos 100 metros, estilo livre, melhorando cada vez mais o seu tempo: 1m02s0d em 1956, 1m01s2d em 1960 e finalmente 59s5d em 1964, batendo assim o recorde mundial.

Dawn ficou tão feliz que resolveu passear e conhecer os pontos turísticos da capital japonesa. Aí, num momento de descuido, resolveu levar como "lembrança" uma valiosa estatueta de um templo religioso. A polícia a apanhou e foi o maior escândalo.

Resultado: o Comitê Olímpico Australiano decidiu suspendê-la e ela — a maior nadadora de seu tempo — nunca mais pôde competir.

O urso vermelho

Os apreciadores de luta livre, sempre que viam o russo Alexander Medved em ação, garantiam:

— Ninguém consegue vencer o Urso.

E o Urso — que, em russo, se diz Medved — confirmava a previsão, com seus adversários caindo no chão, um depois do outro.

Fortíssimo e muito hábil tanto para aplicar golpes como para escapar deles, Medved, o Urso Vermelho, ganhou a medalha de ouro em luta livre nas Olimpíadas de Tóquio, México e Munique. E jamais perdeu qualquer combate.

Engraçado que ele não era um brutamontes, como a gente poderia imaginar. Até pelo contrário. Medved sempre primou pelos bons modos e pelo

hábito de sorrir educadamente para as pessoas. Na luta livre, porém, não perdoava.

Certa vez, em 1963, a televisão soviética transmitia uma programação de luta livre internacional. A luta final seria entre Medved e o campeão da Finlândia. Mas as lutas preliminares duraram mais do que o previsto, o que deixou o pessoal da TV desesperado: às 9 da noite, em ponto, teria que entrar no ar um outro programa.

Medved e o finlandês começaram a lutar 3 minutos antes das 9 horas.

— Por favor, Medved — gritou-lhe o apresentador. — Você tem apenas 3 minutos.

Três minutos depois, o campeão da Finlândia estava batido. Afinal, como um homem educado, Urso não deixaria de atender a um pedido que lhe haviam feito.

Depois de Cassius Clay, que boxeador fantástico os Estados Unidos mandariam às Olimpíadas? Era o que se perguntava em Tóquio. E a resposta não demorou: Joe Frazier, um fortíssimo pugilista, ganharia a medalha de ouro na categoria peso-pesado.

Como Clay, Frazier logo se tornaria profissional e campeão do mundo. Ele conquistou o título pela primeira vez em 1968, conservou-o em 1970 e só foi perdê-lo em 1973, ao ser derrotado por George Foreman numa rápida luta: ele caiu logo no segundo assalto.

Quando começaram as Olimpíadas de Tóquio, os especialistas do mundo inteiro diziam que tudo poderia acontecer em termos de recorde, menos uma coisa: alguém correr os 100 metros rasos em 10 segundos cravados.

— Isso é *ci-en-ti-fi-ca-men-te* impossível — garantiam todas as pessoas.

Realmente parecia impossível. Mas Bob Hayes, um extraordinário velocista norte-americano, demonstrou que, no esporte, nada é impossível. Tanto que quatro anos depois, outro americano, Jim Hines, superava Bob. E corria em 9s9d.

México, 1968

XIX Jogos Olímpicos

A Cidade do México está erguida a 2 260 metros de altitude. E daí? Bem, esse é um dado muito importante para o esporte. Numa altitude dessas, o ar é rarefeito — quer dizer, ele existe em menor quantidade do que ao nível do mar, como no Rio de Janeiro.

Com o ar rarefeito, a resistência humana fica menor. Isto é: a gente se cansa com maior facilidade. Numa Olimpíada, como a de 1968, no México, isso representa o seguinte: os atletas rendem menos em provas longas

(como nos 10 mil metros) e tornam-se muito melhores em competições curtas.

O resultado foi que, no México, houve índices fracos nas competições para fundistas e marcas excepcionais nas provas de resistência e velocidade. Nada menos de 88 recordes foram quebrados. No salto triplo, o soviético Viktor Saneev pulou 17,39 metros. Nos 100 metros, o americano Jim Hines superou a barreira dos 10 segundos, correndo em 9 segundos e 9 décimos. E um outro americano, Robert Beamon, conseguiu uma façanha incrível: no salto em distância, alcançou a extraordinária marca de 8,90 metros, insuperável por anos e anos.

Tanto Hines como Beamon eram negros e, a exemplo de outros atletas, aproveitaram as Olimpíadas para lembrar ao mundo a luta que pessoas de sua raça estavam tendo nos Estados Unidos em favor de melhores condições de vida. Cada vez que um deles recebia uma medalha, levantava os punhos em sinal de protesto.

(Imagine só o que não diria o nosso barão!)

Mas nem só de protestos viveram as Olimpíadas mexicanas, por sinal, muito bem organizadas. Pela primeira vez, a indústria moderna esteve a serviço do esporte. Foram introduzidas pistas de tartan (um material sintético superior ao piso de terra), computadores, cronômetros eletrônicos e marcadores com células fotelétricas. O esporte, afinal, aperfeiçoava-se fora de campo.

O assombroso pássaro negro

Houve coisas realmente fantásticas nas Olimpíadas do México, com a quebra de recordes que pareciam impossíveis. Entre as 88 marcas que caíram — e algumas não foram superadas até hoje —, nenhuma causou tanto assombro como a do salto em distância.

O autor da proeza, o negro norte-americano Robert Beamon, estava certo de que ganharia a medalha de ouro. Ele se preparara intensamente e pensava até mesmo em bater o recorde mundial.

Até aí, tudo bem. Mas o que ele fez deixou o público mexicano de boca aberta.

Robert Beamon, o Pássaro Negro, saltou precisamente 8,90 metros. Vamos comparar esse número para que você sinta melhor o que ele significa. Em 1896, o campeão olímpico Ellery Clark saltou 6,35 metros (isto é, cerca de dois metros e meio a menos). Quarenta anos depois, em Berlim, Jesse Owens assustou os alemães com sua marca de 8,06 metros, que só seria melhorada — em um mísero centímetro — em 1964, pelo inglês Davies.

O salto de Beamon equivale a deixar deitadas no chão, enfileiradas, 5 pessoas com 1,78 m de altura cada uma. E pular por cima delas.

O tetracampeão

Só existe um tetracampeão olímpico em uma mesma prova. Ele se chama Al Oerter e nasceu nos Estados Unidos.

Al Oerter é um especialista em lançamento de disco. Mas que engraçado: mesmo com toda sua fama, ele jamais foi considerado o favorito da prova. Diziam que ganhava na sorte e que, por isso, acabaria perdendo.

Só que Al nunca perdeu. Foi campeão em 1956, 1960, 1964 e 1968.

E vai ser muito duro alguém conseguir igualar sua façanha.

O canguru russo

Um, dois, três. Como o canguru, o atleta dá três pulos seguidos. É o salto triplo, uma das modalidades mais bonitas das Olimpíadas.

O Brasil sempre teve grandes especialistas nessa difícil especialidade: Ademar Ferreira da Silva, bicampeão nos Jogos Olímpicos de 1952 e 1956 e, mais recentemente, Nélson Prudêncio e o recordista mundial João do Pulo.

Nos seguintes Jogos Olímpicos, porém, a medalha de ouro ficou com um "canguru" da União Soviética: o tricampeão Viktor Saneev.

Ele ganhou sua primeira medalha no México, em 1968, quando bateu o recorde olímpico (17,39 m).

A partir daí, sua marca foi baixando — mas ninguém conseguiu vencê-lo. Assim, em 1972, em Munique, Saneev saltou 17,35 metros. E em Montreal, em 1976, ele ficou nos 17,29 metros — mais do que o nosso João do Pulo, que terminou em terceiro lugar, com a medalha de bronze.

Infelizmente, João do Pulo jamais repetiu seu fantástico recorde de 17,89 metros, obtido nos Jogos Pan-Americanos de 1975, no México.

Munique, 1972
XX Jogos Olímpicos

Você já viu que, apesar dos sonhos do nosso barão, a política acaba se misturando com o esporte. Mesmo assim, o esporte — sobretudo durante as Olimpíadas, o seu momento culminante — é a festa da paz e do congraçamento entre atletas do mundo inteiro.

Essa tradição, porém, foi quebrada de maneira trágica na madrugada de 5 de setembro de 1972, durante as Olimpíadas de Munique. Terroristas de uma organização chamada "Setembro Negro" invadiram o dormitório da delegação de Israel. O saldo foi muito

triste: morreram nove atletas e cinco terroristas, estes abatidos pela polícia alemã quando se preparavam para deixar o país.

O esporte e o mundo jamais se esquecerão desses acontecimentos, mas é difícil que eles venham a se repetir nos Jogos Olímpicos. Há hoje em dia um número incrível de pessoas muito bem equipadas e treinadas para vigiar os alojamentos, os estádios e os locais das competições.

O atentado de Munique, como ficou conhecido, acabou deixando em segundo plano as proezas dos atletas. E não foram poucas.

Na natação, despontaram dois verdadeiros peixes com corpo de gente. Um foi a australiana Shane Gould, que recebeu três medalhas de ouro. O outro, o americano Mark Spitz, bateu todos os recordes possíveis. Ele voltou aos Estados Unidos com sete medalhas de ouro, uma de prata e uma de bronze!

No atletismo, Renata Stecher, da Alemanha Oriental, conseguiu uma façanha inédita: ganhou as corridas de 100 e 200 metros. Mas seu feito seria igualado, na parte masculina, pelo soviético Valeri Borzov, que também venceu as duas provas. E, nas competições de fundo, o finlandês Lasse Viren, legítimo sucessor de Paavo Nurmi, seria o primeiro em 5 mil e 10 mil metros.

Um outro recorde importante foi o do russo

Nik Avilov, que somou 8 454 pontos no decatlo, participando desde a corrida dos 100 metros até o lançamento de peso.

Em Munique, apesar da tragédia, foram superadas, em termos de presença, todas as Olimpíadas anteriores. Lá estiveram nada menos do que 7 830 atletas, representando 121 países do mundo inteiro.

Só para comparar: você se lembra do número de participantes dos I Jogos Olímpicos? Eram 285 atletas de 13 nações. Que diferença, não?

O brasileiro Ishii

Em Munique, durante os Jogos Olímpicos de 1972, todos pensavam que o judoca Chiaki Ishii fosse japonês. Não era para menos: ele tinha cara e nome de japonês. Repetia-se a história de Tetsuo Okamoto, em 1952.

No fundo, até que as pessoas não estavam tão enganadas assim. É que ele, de fato, nasceu no Japão. Mas depois se naturalizou brasileiro.

E foi como atleta da delegação do Brasil que Ishii conquistou uma medalha de bronze, na categoria meio-pesado.

Para o esporte brasileiro, isso representou uma vitória, pois nós só recebemos duas medalhas em Munique. Mas Ishii, que se preparara intensamente para ser campeão, ficou tão decepcionado que resolveu abandonar o judô.

O maior nadador do mundo

Não se poderia dizer que aquele garoto de 18 anos tinha qualquer preocupação com a modéstia. Tão logo ele chegou à Cidade do México para participar dos Jogos Olímpicos de 1968, como nadador da equipe dos Estados Unidos, foi dizendo o que pretendia:

— Vou mostrar a todos — afirmava cheio de si — que sou o maior nadador do mundo em curta distância e no estilo borboleta.

As pessoas olhavam para ele e, lógico, riam. Mas, apesar dos exageros, Mark Spitz, o nadador fanfarrão, não estava muito longe da verdade. Só que ainda teria que esperar algum tempo para ver confirmadas suas previsões.

No México, é certo, Spitz conquistaria quatro medalhas: duas de ouro, uma de prata e uma de bronze. Muita coisa para um nadador. Pouca, porém, para quem se dizia o melhor do mundo.

Quatro anos depois, em Munique, Mark Spitz já não falava coisas como aquelas. Tornara-se menos arrogante e resolveu esperar os resultados antes de exaltar suas grandes qualidades.

— Em vez de falar — ele se justificava, quase num tom de quem pede desculpas —, resolvi treinar duro.

E fez muito bem. Porque talento nunca lhe faltou. O que lhe faltava era seriedade e modéstia. No dia em que conquistasse essas duas virtudes — repetiam seus técnicos, seus amigos e companheiros de equipe —, Spitz não precisaria anunciar que nunca houve um nadador como ele. O mundo inteiro reconheceria isso sozinho.

Então, o que aconteceu? Ora, numa das mais brilhantes atuações individuais já vistas numa Olimpíada, Mark Spitz ganhou nove provas e não perdeu nenhuma — exceto duas eliminatórias, nas quais se poupou para as finais.

Somando suas conquistas no México e em Munique, ele ficou com nada menos do que nove medalhas de ouro, uma de prata e uma de bronze. Sem contar que batera 13 recordes mundiais. O que mais Mark Spitz precisaria provar? Nada.

E, milionário com os contratos de publicidade que assinou, abandonou as piscinas aos 22 anos. Como o maior nadador do mundo.

Adeus lei da gravidade

Como não temos asas, não podemos voar — a não ser dentro de um avião. Por isso, sempre que pularmos do alto de uma escada iremos cair. Você, certamente, sabe dessas coisas por experiência própria. É um fenômeno simples, não? Quem pula, cai. Da mesma forma, se você atirar uma pedra ela irá para o chão. Sabe por

que essas coisas acontecem? Por causa da lei da gravidade — que você aprenderá sem dificuldade na escola.

Dá para contrariar a lei da gravidade? Não dá. Leva-se um tombo. Mas, em 1972, nas Olimpíadas de Munique, uma menina russa de 17 anos ousou desafiá-la. Seu nome: Olga Korbut.

Baixinha (1,46 metro), magra que só vendo (38 quilos), suas exibições de ginástica encantaram o mundo inteiro. Durante segundos que pareciam não se acabar nunca, ela deu a impressão de flutuar no espaço, saltando entre as barras de exercício. Era como se, para Olga, a lei da gravidade não existisse. Esse inacreditável espetáculo foi visto por apenas 12 mil pessoas num dos ginásios esportivos de Munique e por 800 milhões de telespectadores de 78 países.

Quando terminou suas apresentações — conquistando três medalhas de ouro —, Olga chorava de alegria. A emoção não foi só dela, mas de todos que tiveram o privilégio de vê-la dançando com seu corpo no ar.

Depois disso, Olga Korbut transformou-se numa celebridade internacional do esporte. Suas proezas viraram assunto de quatro filmes (três na União Soviética e um na Inglaterra). Escreveram-se livros sobre ela. Seu rosto virou desenho de camiseta. E muitas outras meninas, de vários países, passaram a usar trancinhas nos cabelos. Como ela.

Mas não pense que tudo aconteceu por acaso.

Olga praticou ginástica olímpica intensamente, a partir dos 9 anos. E, para chegar às três medalhas, precisou repetir 100 vezes por dia, durante anos e anos, os mesmos exercícios. Sem contar os regimes severíssimos para conservar os seus 38 quilinhos.

E assim, além de encantar todos os que levam tombos quando pulam, Olga pôde — por alguns poucos segundos — esquecer até a lei da gravidade.

Shane, a completíssima

O azar de Shane Gould foi ter despontado para a natação justamente nas Olimpíadas de 1972, quando as incríveis façanhas de Mark Spitz acabaram, de certa forma, ofuscando um pouco seu sensacional desempenho.

Shane, que na época tinha apenas 15 anos, foi — de longe — a melhor nadadora que apareceu em Munique e uma das grandes esportistas já reveladas pela Austrália.

Ela conquistou nada menos do que cinco medalhas: três de ouro, uma de prata e uma de bronze, todas em provas individuais. E, contrariando uma antiga tradição, competiu com sucesso tanto em curta como em média e longa distância.

No nado livre, Shane disputou os 100, 200, 400 e 800 metros. Foi a terceira nos 100, por uma questão de 4 décimos de segundo; a primeira nos

200, batendo o recorde mundial; a primeira nos 400, também batendo o recorde mundial; e a segunda nos 800. Depois disso, ela ainda seria a primeira na prova dos 200 metros, quatro estilos, batendo mais um recorde mundial.

Shane só não ganhou mais uma medalha de ouro, no revezamento, porque uma de suas companheiras acabou sendo desclassificada.

Reis da cesta

No futebol, esporte que inventaram, os ingleses há muito tempo deixaram de ser os melhores — seus alunos, como os brasileiros, holandeses e alemães, já os superaram. Mas no basquete — que nasceu nos Estados Unidos — esse fenômeno não se repetiu. Os norte-americanos são quase imbatíveis na arte de atirar a bola na cesta.

Fora das Olimpíadas, os americanos nem sempre têm sido imbatíveis. Na grande final dos Jogos Panamericanos de 1987, por exemplo, eles foram derrotados pelo Brasil, num jogo memorável, em que o grande herói foi o brasileiro Oscar.

Essa superioridade chegou a um ponto que o Brasil pode até se orgulhar de ter perdido por apenas 4 pontos para os Estados Unidos, em 1952. Afinal, em 20 jogos eles dobraram o número de pontos alcançados por seus adversários.

O melhor time americano — e talvez o mais perfeito já montado no

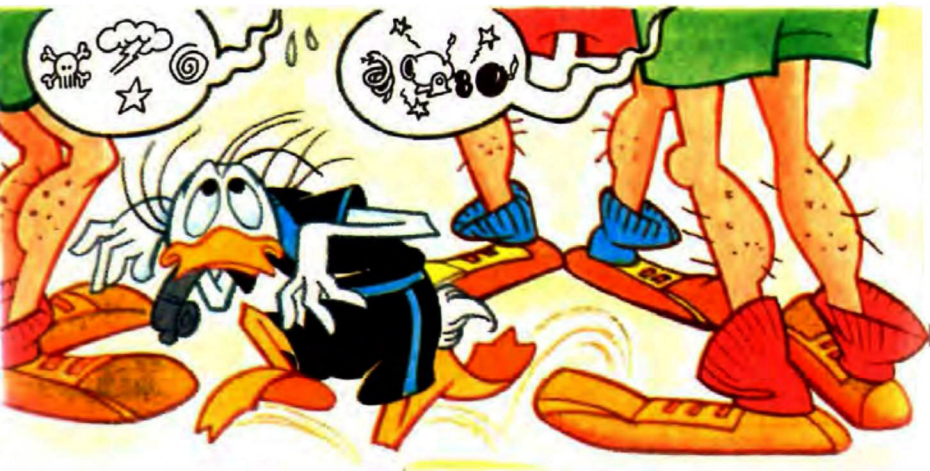
basquete — foi, sem dúvida, o de 1960. Eram todos craques: titulares e reservas. No torneio olímpico, sua média foi de 100 pontos por partida. Algo fantástico ainda hoje. Seus melhores jogadores — como Oscar Robertson, Jerry West e Jerry Lucas — são lembrados pelos torcedores do mundo todo.

Mas nem tudo é perfeito. Nos Jogos de 1972, em Munique, os Estados Unidos finalmente perderam para a União Soviética. Foi uma final tumultuadíssima. A 3 segundos do encerramento, os Estados Unidos ganhavam por 50 a 49. Os soviéticos apanharam a bola e perderam a cesta. Então, os americanos comemoraram sua vitória.

Logo em seguida os soviéticos reclamaram, alegando que os árbitros haviam concedido um "tempo" irregular. O protesto foi aceito e o jogo recomeçou por mais 3 segundos, sem que fosse marcada nova cesta. Nova festa americana.

Só que, estranhamente, o cronômetro oficial parara de funcionar. Os soviéticos voltam a protestar e, com o jogo reiniciado, fazem a cesta que lhes dá a vitória e a medalha de ouro.

Em 1976, nos Jogos de Montreal, os Estados Unidos, que recusaram a medalha de prata (1972), recuperaram o título.



Duas vezes Prudêncio

Nélson Prudêncio foi o primeiro grande herdeiro de Ademar Ferreira da Silva no salto triplo, ganhando duas medalhas para o Brasil nos Jogos Olímpicos.

A primeira foi em 1968, quando ele teve uma atuação espetacular nas Olimpíadas do México. Durante três horas, ele e o soviético Viktor Saneev brigaram pela vitória. E tudo indicava que o primeiro lugar ficaria com Prudêncio, que em seu melhor salto conseguiu a marca de 17,27 metros. Era o recorde mundial.

Infelizmente, o recorde durou apenas 25 minutos. Logo depois, Saneev pulou 17,39 metros — novo recorde, na ocasião. Prudêncio acabou com a medalha de prata.

Em 1972, em Munique, ele ficou com a medalha de bronze (17,05 metros), perdendo outra vez para Saneev. Foi no dia 4 de setembro. Justamente por isso, Nélson Prudêncio acreditava que venceria.

— Nasci em 1944, no dia 4 de abril, que é o mês quatro — ele lembrava. E serei o quarto atleta a saltar.

Infelizmente, enganou-se. Foi o terceiro colocado.

Montreal, 1976
XXI Jogos Olímpicos

Há sempre um destaque em cada Olimpíada. Como você já sabe, em Berlim, em 1936, surgiram os superatletas negros dos Estados Unidos. Em 1952, em Helsinki, apareceu Zatopek, a "Locomotiva Humana". Nos Jogos de Roma, em 1960, despontou Abebe Bikila, o etíope que corria descalço. Caíram os recordes de atletismo no México, em 1968. E em 1972, em Munique, foi a vez de Mark Spitz, o americano que nadava como um peixe.

O que apareceria em Montreal? — perguntavam todos em 1976. Um velocista incrível? Um saltador espetacular? Ou quem sabe um timaço de basquete? Ou talvez um fortíssimo halterofilista?

Nada disso. Em Montreal, no Canadá, lá em cima do mapa, revelou-se para o mundo a graça maravilhosa de uma ginasta de 14 anos chamada Nadia Comaneci, estrela absoluta das Olimpíadas. Ela nasceu na Romênia, um país europeu de tamanho um pouquinho menor do que o Estado de São Paulo.

Outras ginastas também brilharam, como a soviética Neli Kim, mas nenhuma movimentava-se com tanta leveza e elegância como a Nadia.

Nadia e Neli foram duas das 2.096 mulheres que, entre 7.309 atletas, competiram em Montreal: a maior participação feminina até então.

João do Pulo

Em 1976, nos Jogos de Montreal, todos acreditavam que o cabo do Exército João Carlos Oliveira — o já famoso João do Pulo —, ganharia facilmente a medalha de ouro no salto triplo.

Não era para menos. Um ano antes, nos Jogos Pan-Americanos, realizados na Cidade do México, João do Pulo dera um salto histórico de 17,89 metros.

Tratava-se do novo recorde mundial. E não apenas de um simples recorde. Sua marca era 45 centímetros melhor do que a do "Canguru" soviético Viktor Saneev, o russo tricampeão olímpico. E superior em 1,33 metro ao melhor salto dado na carreira de Ademar Ferreira da Silva.

Mas João do Pulo, que estava com 21 anos na ocasião, não pôde repetir sua façanha. Ficou mais de um metro abaixo do seu recorde e teve que se conformar com um modesto terceiro lugar e uma simples medalha de bronze.

Seu azar foi que, bem no dia da competição, ele se machucou.

A alemãzinha recordista

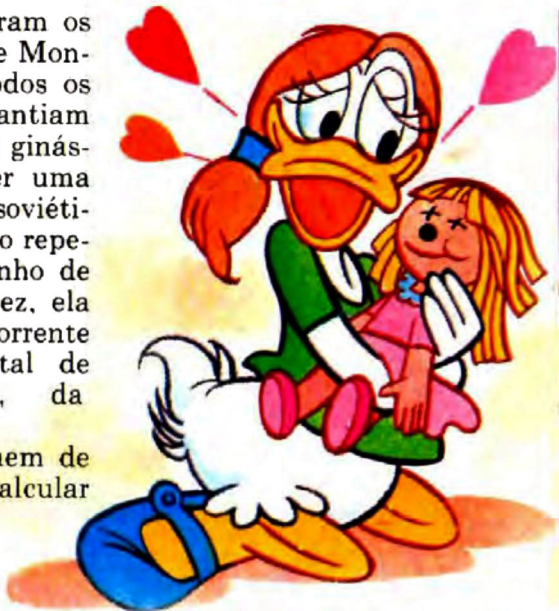
Muita gente andou desconfiando das proezas das nadadoras da Alemanha Oriental, que de uma hora para outra começaram a bater recordes sobre recordes nas piscinas. Chegaram até mesmo a perguntar se elas não tomavam estimulantes ou coisa parecida para melhorar seu rendimento. Outros — mais ousados — colocaram em dúvida o fato de serem mesmo *nadadoras*. Não seriam *nadadores* disfarçados?

É certo que não, principalmente em se tratando da jovem Kornelia Ender, a melhor — e mais bonita — nadadora das Olimpíadas de Montreal. Com 17 anos, já detentora de 16 recordes mundiais, ela conquistou quatro medalhas de ouro e tornou-se um dos maiores destaques dos Jogos.

Para Nadia, nota 10

Quando começaram os Jogos Olímpicos de Montreal, em 1976, todos os especialistas garantiam que, nas provas de ginástica, poderia haver uma surpresa: talvez a soviética Olga Korbut não repetisse seu desempenho de Munique. Desta vez, ela teria uma concorrente fortíssima, uma tal de Nadia Comaneci, da Romênia.

Mas ninguém, nem de longe, poderia calcular



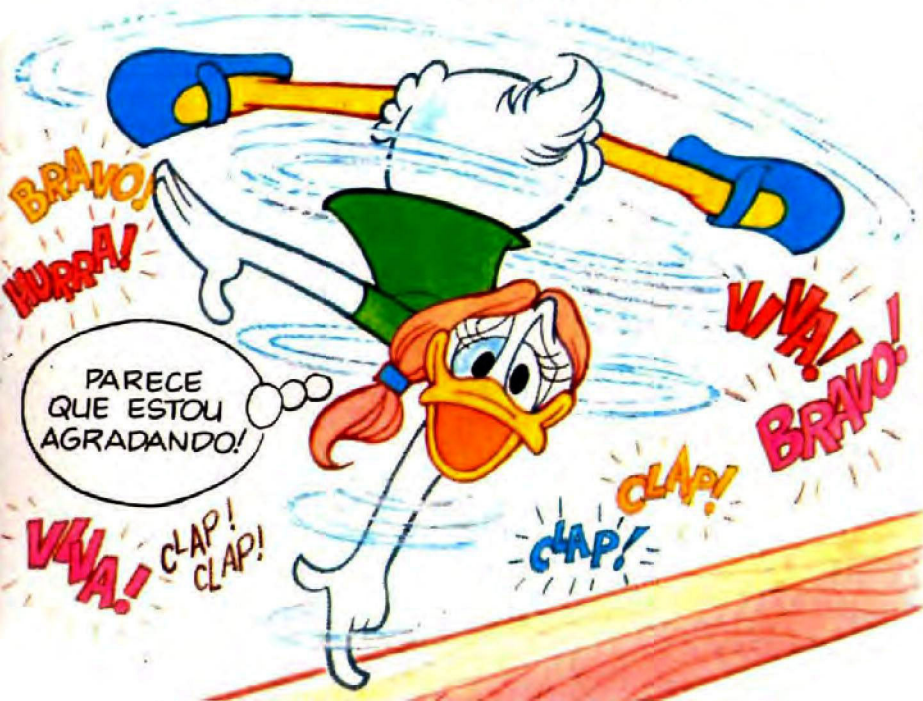
que a tal de Nadia, uma menina de 14 anos, com seu 1,53 metro de altura e 40 quilos, iria se transformar, de uma hora para a outra, num dos maiores nomes já surgidos em qualquer Olimpíada desde a Grécia Antiga.

Nadia foi realmente fenomenal, superando tudo aquilo que Olga fizera, em 1972. Além de suas quatro medalhas de ouro, ela recebeu quatro vezes a nota 10 por suas apresentações.

E isso nunca acontecera antes numa competição internacional de ginástica, pois os árbitros são sempre muito rigorosos, recusando-se a dar 10 para quem quer que seja.

— Nota 10 — diziam os árbitros — só se dá para a perfeição. Como ninguém é perfeito...

Mas foi preciso abrir uma exceção para Nadia, a garotinha que gostava de brincar com bonecas quando terminava seus treinamentos. Ela simplesmente fora perfeita.



E chegamos a Moscou, capital da Rússia ou União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Estima-se que os russos gastaram quase 3 bilhões de dólares nos preparativos da competição. Quando esta começou, além do Estádio Lênin, com capacidade para 103 mil espectadores, a Rússia dispunha de mais 68 estádios, 230 salas de ginástica, 23 piscinas olímpicas e 110 campos de futebol de alto nível.

Além disso, foram construídos ótimos alojamentos para os atletas, hotéis e até um novo aeroporto internacional. Foram plantadas mais de 100 mil árvores e milhões de mudas de flores e folhagens. Cerca de 2 000 vias públicas foram recapeadas e ampliou-se o metrô. Cinqüenta mil policiais uniformizados patrulharam todos os cantos da cidade. O exército garantiu a vida dos 10 000 atletas que participaram dos jogos.

A Rússia tem um grande potencial esportivo. Em 1980, 55 milhões de russos — 20% da população — já praticavam esportes intensamente, treinados por 300 técnicos e 6 milhões de monitores voluntários.

A Rússia esperava 300 mil turistas para ver os jogos, mas apenas 60 mil apareceram. Que houve? Simplesmente isto: devido a desentendimentos políticos com os Estados Unidos, estes decidiram não mandar seus atletas a Moscou. Sendo que os Estados Unidos eram a maior potência atlética do mundo, e ao boicote juntaram-se inúmeros países, entre os quais os fortíssimos Japão e Alemanha Ocidental, resultou que a olimpíada de Moscou perdeu muito de seu brilho. O Brasil, convidado a boicotar os jogos, recusou-se e decidiu comparecer. O mesmo fizeram a Itália, França, Inglaterra (por decisão exclusiva de suas autoridades esportivas) e outros países ocidentais. Mas, ainda assim, a ausência dos astros e estrelas da América do Norte foi muito sentida.

Apesar de tudo, foi uma grande festa.

Como era esperado, russos e alemães orientais abiscoitaram a maior parte das medalhas, nas 203 competições.

Nadia Comaneci, a grande estrela da ginástica em 1976, em Montreal, não repetiu sua perfeição, chegando a cair durante uma prova. A melhor ginasta dos jogos acabou sendo a soviética Yelena Davidova.

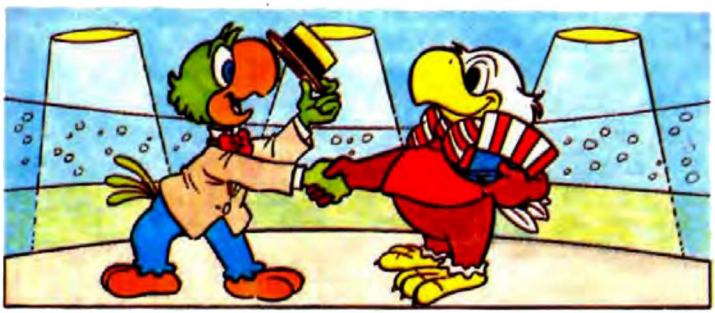
O fenomenal etíope Miruts Yifter, baixinho e franzino, embora já estivesse com 37 anos de idade, venceu espetacularmente os 10 mil metros.

Além desses, poucos foram os destaques individuais em Moscou. Apesar de tudo, os 2 bilhões de pessoas que viram os jogos pela televisão gostaram da festa, cuja maior estrela foi o ursinho Mischa, o personagem-símbolo dos jogos.

O Brasil em Moscou

O Brasil foi a Moscou com um total de 169 pessoas, das quais 109 eram atletas. Foi a maior delegação, depois dos países socialistas. Mas seu desempenho foi ruim. João Carlos de Oliveira, João-do-Pulo, que esperava ganhar a medalha de ouro, teve de contentar-se com a de bronze. No judô, o peso médio Walter Carmona foi derrotado. Os nadadores Djan Madruga e Rômulo Arantes, também. Ainda assim, a nossa equipe do revezamento 4×200 pegou a medalha de bronze. O basquete masculino acabou apenas em quinto. O vôlei feminino decepcionou, mas o masculino continuou progredindo. O atleta Agberto Guimarães por pouco não pega a medalha de bronze nos 800 metros rasos; ficou em quarto. Quem, no final das nossas contas olímpicas, salvou a pátria, foram quatro homens do iatismo: as duplas das classes "Tornado" (Alex Welter e Lars Bjorgstrom) e "470" (Marcos Soares e Eduardo Penido). As duas duplas ganharam para o Brasil, cada uma, uma medalha de *ouro*. Elas foram as primeiras medalhas de ouro que conquistamos depois de 24 anos!

Los Angeles, 1984
XXIII Jogos Olímpicos



As Olimpíadas de Los Angeles foram realizadas sem qualquer ajuda oficial. Seus organizadores levantaram todo o dinheiro com o patrocínio de empresas particulares. A rede americana de televisão ABC, por exemplo, pagou 325 milhões de dólares pelo direito de transmitir as provas dos jogos com exclusividade. Mais de 2 bilhões de pessoas em 140 países receberam as imagens geradas pela ABC. Mas, ao serem abertas as olimpíadas no estádio "Coliseum", diante de mais de 100 mil pessoas, com o desfile dos 7.800 atletas em trajes coloridos, entre eles não estavam os representantes da Rússia. Mais uma vez houve boicote aos jogos, com os russos dando o troco aos americanos, já que estes não haviam ido a Moscou.

A festa de abertura foi linda. Porém, assim como os americanos fizeram falta em Moscou, os soviéticos fizeram falta em Los Angeles. Resultado: os Estados Unidos cansaram-se de ganhar medalhas.

Houve grandes destaques individuais. Por exemplo, o campeoníssimo e recordista mundial dos 400 metros com barreiras, o incrível Edwin Moses, que chegou a Los Angeles já tendo vencido mais de cem vezes consecutivas a prova de sua especialidade. E Carl Lewis, que a maioria dos 15 mil jornalistas que cobriram os jogos consideraram como o grande herói de Los Angeles. Ele entrou nas pistas declarando que iria repetir o feito de outro grande atleta americano do passado, Jesse Owens (que encantara o mundo nos

jogos olímpicos de 36), e ganhar quatro medalhas de ouro. E cumpriu o prometido!

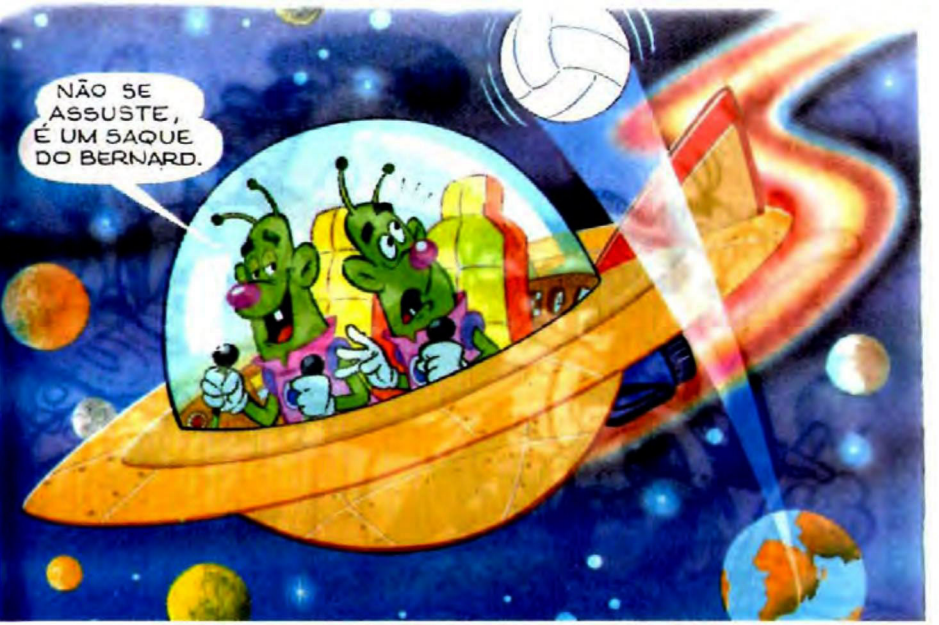
Outro grande campeão de Los Angeles foi o nadador alemão ocidental Michael Gross, que bateu vários recordes mundiais e foi um dos poucos a estragar a festa da colheita de medalhas dos Estados Unidos na natação. Michael Gross foi apelidado de "Albatroz", pela envergadura de seus braços (2 metros e 23) e pela sua altura (2 metros e 02).

Grande conquista americana aconteceu também na natação, na prova feminina dos 100 metros livres. Pela primeira vez na história das olimpíadas, um mesmo país conquistou DUAS medalhas de ouro na MESMA prova! Carrie Steinseifer e Nancy Hogshead chegaram rigorosamente juntas no final da disputa e as arquibancadas quase vieram abaixo de tanto entusiasmo.

Já outra americana, Joan Benoit, venceu a primeira maratona feminina dos jogos olímpicos. Mas, nessa prova inesquecível, a maior emoção ficou com a suíça Gabriela Andersen-Schiess, de 39 anos. Ela entrou por último na pista do estádio após correr 42 quilômetros. Chegou quase se arrastando, tropeçando, com desidratação e exaustão muscular. Porém, corajosamente, repeliu a ajuda dos médicos e, centímetro a centímetro, sob o emocionado aplauso do público, atravessou a linha de chegada. E só então se permitiu cair.

E o Brasil? Foi o nosso melhor desempenho desde que entramos nos jogos em 1920! Ganhamos 1 medalha de ouro, 5 de prata e 2 de bronze.

Porém, nosso maior herói foi o atleta Joaquim Cruz, de 21 anos, que derrotou grandes estrelas nos 800 metros, quebrando o recorde olímpico e despontando definitivamente para o atletismo internacional.



Jornada nas estrelas

Hoje o vôlei é o segundo esporte mais popular do Brasil, só perdendo para o futebol. Mas, até chegar a esta invejável posição, resultado de um inteligente e também paciente trabalho de moderna organização, o vôlei brasileiro teve de percorrer um longo e difícil caminho. Só conseguimos entrar nas olimpíadas em 1968, em Tóquio. Nossos rapazes conquistaram o 9º lugar. Em 72, em Munique, ficamos em 8º. Em 76, em Montreal, subimos para o 7º. Já em 80, em Moscou, pulamos para o 5º lugar. Nessa olimpíada, a seleção feminina já entrou e ficou em 7º. Em 84, finalmente, em Los Angeles, no masculino ganhamos a medalha de prata. Em 82, no Campeonato Mundial, em Buenos Aires, os rapazes foram vice-campeões, perdendo para a Rússia na final.

Dentre os antigos ídolos da seleção masculina, sempre se destacaram dois grandes jogadores, por suas inovações revolucionárias: Bernard e William. Bernard inventou o saque "Jornada nas Estrelas", levantando a bola à altura do forro do ginásio. William inventou o saque "Viagem ao Fundo do Mar"...

E agora... Seul!

Chegaram os XXIV Jogos Olímpicos. Desta vez, o grande palco da maior festa esportiva do planeta é a capital da Coréia do Sul. É a segunda vez que isso acontece num país asiático (Como você se recorda, a primeira vez foi no Japão, em 1964).

A Coréia do Sul é um país de pouco mais de 99 mil quilômetros quadrados e tem uma população de 41 milhões e 200 mil pessoas. É uma nação que está em grande desenvolvimento econômico, embora enfrente muitos problemas políticos internos. Isso, inclusive, ocasionou um extraordinário reforço da segurança dos atletas.

O perigo de um novo grande boicote aos jogos de Seul também foi afastado: Estados Unidos e União Soviética, ainda as maiores potências esportivas do mundo, voltam a enfrentar-se, o que não faziam desde os jogos de Montreal, em 1976.

Com isso, os jogos olímpicos de Seul têm tudo para reviver o grande sonho do Barão de Coubertin: o congraçamento dos povos do mundo em torno do ideal da paz.

Vencer ou competir?

Depois de perder uma "pelada" disputada com os amigos da escola, meio chateado pela derrota, você nunca se surpreendeu dizendo "o importante foi que lutamos"?

Do mesmo modo, quantas vezes você não escutou pelo rádio ou viu pela televisão um jogador de futebol consolar-se com a frase "Bem, nós nos esforçamos, mas hoje não deu".

Você e o jogador talvez sem saber estavam apenas repetindo o ideal olímpico criado pelo Barão de Coubertin.

Sua máxima, por sintetizar o espírito dos Jogos Olímpicos, transformou-se num verdadeiro slogan do esporte: "O importante, nos Jogos Olímpicos, não é vencer, mas competir. O essencial, na vida, não é conquistar, mas lutar com dignidade."

Bonito, não é mesmo? Mas, hoje em dia, esse ideal já não funciona e, na prática, são poucos os atletas ou países participantes que acreditam nele. Para todos, o importante não é mais competir, mas vencer.

Afinal de contas, quem é que entra em campo para perder?

ÍNDICE

Os doze trabalhos de Hércules 2
No tempo dos deuses 8
Os jogos acabam 12
...E voltam! 15
O herói da Maratona 16
O nosso barão 18
Atenas, 1896 19
Paris, 1900 22
St. Louis, 1904 25
Londres, 1908 27
Estocolmo, 1912 30
Antuérpia, 1920 36
Paris, 1924 38
Amsterdã, 1928 44
Los Angeles, 1932 47
Berlim, 1936 49
Londres, 1948 53
Helsinki, 1952 57
Melbourne, 1956 59
Roma, 1960 61
Tóquio, 1964 66
México, 1968 70
Munique, 1972 74
Montreal, 1976 84
Moscou, 1980 88
Los Angeles, 1984 91
E agora... Seul! 94
Vencer ou competir? 95

96 IMPR. EDIT. ABRIL S.A.

WWW.AGIBITECA.COM.BR

Manual dos Jogos Olímpicos

MANUAIS DISNEY

Aqui está, finalmente, a história secreta de todos os **Jogos Olímpicos** — desde os primeiros jogos criados na Antiga Grécia até os jogos modernos, revividos pelo Barão de Coubertin, a partir de 1896!

O que é mais importante: vencer ou competir?

Conheça a "Locomotiva Humana".

O campeão olímpico que virou Tarzan!

O índio pele-vermelha que foi campeão olímpico.

O maior nadador do mundo.

O corredor das neves.

Como as mulheres tomaram conta das olimpíadas.

O corredor que corria descalço.

A história do canguru russo.

Tudo isso e muito, MUITO mais neste manual altamente competitivo, todo em cores e apresentado pelos personagens de Walt Disney!

Pateta, Donald, Margarida, Clarabela, Peninha, Zé Carioca e outros — no papel dos grandes heróis e heroinas dos jogos olímpicos de todos os tempos!